

Contextos e Escolhas
na Animação Vocacional

PORTA
REITA



Copyright©: CRB Nacional

Editoração:

Foto de Capa: Vanildo Luiz Zugno

Design gráfico: Sirlete Regina da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P839 Porta estreita : contextos e escolhas na animação vocacional
[recurso eletrônico] / Joilson de Souza Toledo; Vanildo
Zugno (Orgs.)

1. ed. – Porto Alegre: ESTEF, 2024.

77 p.: il.

Dados eletrônicos.

1,9 MB.

Publicação digital (e-book) no formato PDF

ISBN: 978-65-87501-17-8

1. Vida religiosa. 2. Animação vocacional. I. Toledo,
Joilson de Souza; Zugno, Vanildo Luiz (Orgs.). III.
Título.

CDU 267.032.2

CDD 248.808 3

Bibliotecário responsável: Dalvyn H. Nunes de Moraes – CRB10/2843



Porta Estreita: Contextos e Escolhas na Animação Vocacional

Joilson de Souza Toledo
Vanildo Luiz Zugno
(Orgs.)



Brasília
2024

Sumário

Apresentação	5
“Vamos fazer um filme”: inferências sobre as juventudes, trinta anos depois.	8
<i>Fr. Oton da Silva Araújo Junior, ofm</i>	
Realidades juvenis brasileiras: impactos contemporâneos e perspectivas para a ação eclesial.	22
<i>Patrícia Espíndola de Lima Teixeira</i>	
Inquietações e reflexões sobre a VRC e sua atratividade.....	36
<i>Ir. Joilson de Souza Toledo, fms</i>	
Perspectivas de atuação com jovens: impreteríveis alinhamentos.	45
<i>Patrícia Espíndola de Lima Teixeira</i>	
Quem nos busca e o que encontramos. Alguns dilemas da pastoral vocacional.....	56
<i>Ir. Afonso Murad, marista</i>	
Na sinfonia vocacional, notas para o acompanhamento.....	65
<i>Ir. Maristela Ganassini</i>	

Apresentação

Entre os temas que a Equipe Interdisciplinar da CRB Nacional tem se debruçado nos últimos anos, estão os cenários e desafios relacionados à atratividade das congregações religiosas. De formas diversas e com intensidades diferentes, a maior parte das instituições de Vida Religiosa Consagrada vivenciam a redução de pessoas nas entradas em suas casas de formação e, ao mesmo tempo, uma mudança na procedência geográfica e cultural das vocações.

Já nas primeiras conversas sobre este tema surgiu uma imagem do Evangelho: a *porta estreita* (Mt 7, 13-14). Encarada em todo processo com o bom humor que torna os desafios da vida mais leves, a *porta estreita* acompanhou todo processo de reflexão e construção destes textos. A você que começa a leitura deste livro convido a que pare um pouco e pense a que a imagem da porta remete... (Re)lembre as portas que marcaram sua vida... Casa de formação, lugares de missão, trabalho, faculdade...

O seguimento de Jesus é um convite a atravessar uma “porta estreita” rumo a um caminho que gera vida (Mt 7, 14). A 26ª AGE nos convidou a ressignificar a Vida Religiosa Consagrada numa Igreja Sinodal. Nossas congregações - e cada religiosa e religioso em particular - são desafiadas em várias dimensões *entrar pela porta estreita*, abraçar com paixão e esperança exigências inerentes a esta empreitada.

Dentro deste amplo contexto que esta temática nos desafia, a reflexão teve como pano de fundo a dimensão da animação vocacional. Como tocar nossos jovens e jovens adultos a passar pela porta estreita para ganhar a vida? O que é preciso “deixar para trás” para “passar”? Que posturas são fundamentais para a travessia?

Os primeiros três textos focam em aspectos diversos da realidade juvenil. No primeiro, Frei Oto, com o provocativo título *Vamos Fazer um Filme: Inferências sobre as juventudes 30 anos depois*, tomando por base uma música do Legião Urbana e em diálogo com o magistério do Papa Francisco, apresenta um olhar panorâmico sobre a realidade juvenil. Na sequência, Patrícia Teixeira nos apresenta as *realidades juvenis, perspectivas e impactos*, apontando mudanças democráticas nas realidades juvenis brasileiras. Ainda nessa dimensão do *escutar a realidade*, Irmão Joilson levanta algumas *inquietações e reflexões sobre a atratividade da VRC* reconhecendo as implicações e complexidades presentes em um projeto de animação vocacional que, de fato, contribua na Igreja sinodal que sonhamos construir.

Os outros três enfocam aspectos do trabalho com os jovens. Em um segundo texto, Patrícia Vieira aborda as *perspectivas de atuação com jovens: impreteríveis alinhamentos*. Nele, são oferecidas ferramentas para o trabalho com jovens na contemporaneidade. No quinto capítulo o Irmão Afonso Murad aborda o *perfil dos jovens que têm procurado a vida religiosa*. Reconhecer os traços de quem nos procura nos ajuda a re/pensar os processos de acompanhamento e das casas de formação. Concluindo a Irmã Maristela nos brinda com o sexto capítulo enfocando o *perfil de quem acompanha as juventudes*.

Consagradas e consagrados somos convidados a escolhas corajosas para “atravessar” rumo ao caminho que gera vida. Algumas portas talvez não permaneçam muitos anos... Quando estiverem celebrando o primeiro centenário da CRB o que dirão das escolhas que fizemos neste momento? Empenhamo-nos em atravessar pela porta estreita para gerar processos de vitalidade? Ou nos contentamos com uma pastoral da manutenção? Ou fizemos escolhas que mais remetem as contradições deste tempo no lugar do Evangelho?

Uma boa leitura e uma jubilar caminhada em direção ao Congresso da VRC!

Frei Vanildo Luiz Zugno OFM Cap.

Irmão Joilson de Souza Toledo fms



**“Vamos fazer
um filme”:
inferências
sobre as
juventudes,
trinta anos
depois.**

Fr. Oton da Silva Araújo Junior, ofm

Frade Menor. Doutor em Teologia. Membro da Equipe Interdisciplinar da CRB Nacional e da Equipe Teológica de Assessoria à Presidência da Confederação Latino-americana de Religiosos e Religiosas (CLAR). Endereço para contato: freioton@gmail.com

A melodia dos primeiros acordes

Para iniciar nossa reflexão, como nos baseamos numa música intitulada “Vamos fazer um filme”, da Banda Legião Urbana, de 1993, é bom recordar a letra na qual nos inspiramos. Você pode ouvi-la nas plataformas digitais:

*Achei um 3x4 teu e não quis acreditar
Que tinha sido há tanto tempo atrás
Um bom exemplo de bondade e respeito
Do que o verdadeiro amor é capaz
A minha escola não tem personagem
A minha escola tem gente de verdade
Alguém falou do fim-do-mundo
O fim-do-mundo já passou
Vamos começar de novo
Um por todos, todos por um
O sistema é mau, mas minha turma é legal
Viver é foda, morrer é difícil
Te ver é uma necessidade
Vamos fazer um filme
E hoje em dia, como é que se diz, eu te amo?
E hoje em dia, como é que se diz, eu te amo?
Sem essa de que ‘estou sozinho’
Somos muito mais que isso
Somos pinguim, somos golfinho
Homem, sereia e beija-flor
Leão, leoa e leão-marinho
Eu preciso e quero ter carinho, liberdade e respeito
Chega de opressão
Quero viver a minha vida em paz
Quero um milhão de amigos*

*Quero irmãos e irmãs
Deve de ser cisma minha
Mas a única maneira ainda
De imaginar a minha vida
É vê-la como um musical dos anos trinta
E no meio de uma depressão
Te ver e ter beleza e fantasia
E hoje em dia, como é que se diz, eu te amo?
E hoje em dia, vamos fazer um filme
Eu te amo.*

Introdução

“Uma ideia na cabeça e uma câmera na mão”: esta foi a grande intuição do chamado Cinema Novo, impulsionado por Glauber Rocha (+1981), a partir dos anos sessenta, como alternativa às grandes produções cinematográficas. Para o Cinema Novo, era preciso democratizar as filmagens, dando a elas um rosto mais cotidiano, de realidade local.

Em nossos tempos, as novas tecnologias de comunicação possibilitam a produção de vídeos caseiros a todo tempo, elaborados ou amadores, tornando possível realidades inalcançáveis, num tempo em que tudo pode ser filmado e postado, trazendo à cena várias discussões, como a privacidade.

A “Legião Urbana”, de Renato Russo, lançou a música “Vamos fazer um filme” em 1993, talvez no intuito de indicar que a vida vivida, concreta, sem enfeites, era digna de ser registrada pela Sétima Arte. Na distância do tempo, é possível perceber elementos comuns entre o passado e o presente das juventudes, bem como reconhecer traços de diferenciação entre uma época e outra.

A presente reflexão não é uma análise pormenorizada da referida música, mas, a partir dela, pinçar alguns aspectos, sobre a

dinâmica da juventude atual. Talvez a juventude atual nem conheça mais esta música, nem se identifique mais com a Legião Urbana, mas a mensagem continua inspiradora. O que esta reflexão quer mesmo é puxar o assunto, para favorecer outras contribuições.

Um olhar positivo do passado, que convoca a um futuro de união

A música se inicia com o encontro de uma foto 3x4, que remete a um tempo bom, de bondade e respeito, de verdadeiro amor.

Muitas pessoas acusam o tempo atual de apego ao presente, a despeito do passado e sem perspectiva de futuro. Essa ruptura com o passado faz parecer que o mundo começa agora, que nada do que veio antes merece o devido crédito, que o tempo presente veio como correção aos equívocos anteriores, entendido como atraso a ser superado.

Neste cenário trazido pela canção, os personagens são reais, concretos, têm histórias de vida e passam por alegrias e frustrações. A Exortação Apostólica a respeito da juventude faz eco a esta ideia: “A juventude não é algo que se possa analisar de forma abstrata. Na realidade, a juventude não existe; o que há são jovens com as suas vidas concretas” (CV, n.71). O Sínodo da Juventude fez questão de frisar o aspecto plural das juventudes, afinal, não há como colocar a realidades de todos os jovens numa mesma caixinha (CV, n. 68).

O tema que segue cita o ambiente escolar, com pessoas concretas, de gente de verdade. No ambiente da adolescência e juventude, sabemos da importância da vida de estudos, da dedicação, em vista de uma melhor situação de vida. Mas é claro que não devemos ignorar a disparidade entre as camadas sociais e geográficas brasileiras. Conceber gente de verdade evita generalizações, preconceitos, e ajuda a propor temas palpáveis no cenário educacional, como têm sido as cotas sócio-raciais e o Novo Ensino Médio, por exemplo.

A insegurança quanto ao futuro tem ligação direta com o empenho em relação aos estudos, afinal, não está dito que boas notas garantirão emprego, ou que o conteúdo estudado será mesmo utilizado na vida cotidiana. Se para muitos há uma conciliação nem sempre fácil entre estudar e trabalhar, o número de jovens “nem-nem” (nem estudam nem trabalham) ainda é um sério desafio em nossas realidades. Segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), em pesquisa realizada em 2022, 35,9% dos jovens brasileiros não estudam, nem trabalham, o que coloca o Brasil na segunda posição mundial, atrás apenas da África do Sul (MIRANDA, 2023).

Entre parênteses, cabe lembrar que, em entrevistas, Renato Russo disse que este verso (“A minha escola não tem personagem, a minha escola tem gente de verdade”) faz referência à Escolinha do Professor Raimundo, que ele detestava.

Um por todos, todos por um.

*Alguém falou do fim-do-mundo
O fim-do-mundo já passou
Vamos começar de novo
Um por todos, todos por um.*

Ao mesmo tempo em que há uma continuidade com o passado, há também rupturas. Assim é a vida. Há mundos que de fato acabam, há lugares e pessoas que se vão, ocasiões que só sobrevivem na memória, ao mesmo tempo em que há um futuro a ser construído, não de maneira solitária, mas “um por todos e todos por um”, como nos Três Mosqueteiros, de Alexandre Dumas (1844).

O fim do mundo já passou. É um fato. O verso pode soar como um alerta para se dar conta de que aquilo que foi não volta mais, resta seguir adiante, na construção do que está por vir. “Esta projeção para o futuro, que se sonha, não significa que os jovens estejam

totalmente lançados para diante, pois simultaneamente há neles um forte desejo de viver o presente, aproveitar ao máximo as possibilidades que esta vida lhes oferece. Este mundo está repleto de beleza!" (CV, n. 144).

Viver saudosamente do passado não é algo típico dos jovens, mesmo porque não têm tanto passado assim. Mas os jovens se veem confrontados o tempo todo na comparação de que "no passado", "no meu tempo" as coisas eram diferentes. Mas, como a própria Legião na composição "Índios" (1986) já alertara, "o futuro não é mais como era antigamente".

A importância do grupo.

A música ressalta em vários trechos a importância do grupal, do coletivo ("O sistema é mau, mas minha turma é legal"; "te ver é uma necessidade"; "sem essa de que 'estou sozinho', somos muito mais que isso"). Cabe então interrogar sobre o valor do grupo para a juventude atual, em que a convivência se dá mediada pelas telas, em que o contato físico, o estar na rua, aprontar... se esvazia, substituída pelas Redes Sociais. Nesse mundo cercado pela tecnologia, não são poucos os jovens que se queixam de solidão, deprimem-se por se sentir isolados, reclusos no ambiente digital, infelizmente. "O ambiente digital é também um território de solidão, manipulação, exploração e violência, até ao caso extremo da *darkweb*. Os meios de comunicação digitais podem expor ao risco de dependência, isolamento e perda progressiva de contato com a realidade concreta, dificultando o desenvolvimento de relações interpessoais autênticas" (CV, n. 88).

Ainda sobre o ambiente educacional, não se pode diminuir a importância do recreio, da descontração, quando muitas questões da vida são tratadas na informalidade, e entre amigos, muitas situações da vida são trazidas e mesmo resolvidas com colegas da mesma idade, num sistema de mútua ajuda que sempre se mostrou

eficaz, desde que haja um bom acolhimento e boas referências. Dessa forma, o grupo ao qual se pertence se transforma num oásis, numa redoma de proteção frente às mazelas do mundo (“o sistema é mau, mas minha turma é legal”).

De forma negativa, a necessidade de enturmar-se pode levar a comportamentos insalubres e ilegais. Infelizmente, no medo da solidão, não poucos se submetem a ações delituosas, adquirem vícios e tantas outras atitudes capazes de minar a vida, ou mesmo ceifá-la antes do tempo.

Os jovens atuais se frequentam? Fazem coisas juntos? Nas dificuldades, se apoiam, “chegam junto”? Nas alegrias, se abraçam, comemoram as vitórias alheias? A negativa a essas questões representaria indivíduos isolados, treinados para competir o tempo todo, em que o outro é, antes de tudo, um adversário a ser vencido, numa disputa incessante pelo lugar na faculdade, do melhor emprego, pela vida mais “instagramável”.

Uma fraternidade alargada.

‘Vamos fazer um filme’ foca não só na dimensão coletiva, mas em determinado momento põe atenção ao desejo individual, no sujeito de desejos, que não simplesmente quer o que outros querem, mas que é capaz de se manifestar e dizer de si. O verbo vem na primeira pessoa: “eu preciso e quero ter carinho, liberdade e respeito. Chega de opressão, quero viver a minha vida em paz”, o que revela um grito profundo contra o que cerceia a liberdade e as possibilidades do sujeito.

Para a Legião, esses amigos, esses irmãos e irmãs, incluem na estrofe anterior não só o universo humano, mas também os animais:

Somos pinguim, somos golfinho

Homem, sereia e beija-flor

Leão, leoa e leão-marinho.

A consciência planetária, ecológica, da geração atual é bem mais aguçada do que nas anteriores. Causas ambientais são capazes de motivar mais que outros discursos de épocas anteriores, como nos recorda a *Laudato Si*: “Os jovens exigem de nós uma mudança; interrogam-se como se pode pretender construir um futuro melhor, sem pensar na crise do meio ambiente e nos sofrimentos dos excluídos” (n. 13); “os jovens têm uma nova sensibilidade ecológica e um espírito generoso, e alguns deles lutam admiravelmente pela defesa do meio ambiente, mas cresceram num contexto de altíssimo consumo e bem-estar que torna difícil a maturação doutros hábitos” (n. 209).

Chama atenção a ideia de “somos pinguim, somos golfinho”, como a indicar um pertencimento profundo, algo que o homem moderno foi perdendo ao objetivar os demais seres.

“A única maneira ainda de imaginar a minha vida é vê-la como um musical dos anos trinta. E no meio de uma depressão te ver e ter beleza e fantasia”, nos diz a Legião Urbana. Companhia, beleza e fantasia como ingredientes eficazes perante os momentos nebulosos da vida. No entanto, o Papa Francisco faz um alerta aos jovens a este respeito: não confundir beleza com aparência. Afinal,

há beleza para além da aparência ou da estética imposta pela moda, em cada homem e cada mulher que vive com amor a sua vocação pessoal, no serviço desinteressado à comunidade, à pátria, no trabalho generoso a bem da felicidade da família, comprometidos no árduo trabalho, anônimo e gratuito, de restabelecer a amizade social (CV, n. 183).

E hoje em dia, como é que se diz ‘eu te amo’?

Esta pergunta continua pertinente, afinal, o campo dos afetos sofreu uma verdadeira revolução nas últimas décadas.

‘Amor’ é sentido e feito, mas nem sempre é capaz de gerar vínculo entre os sujeitos, que passam muitas vezes sem sequer saber o nome do parceiro ou da parceira.

A poetisa mineira já prenunciava:

Amor é a coisa mais alegre
amor é a coisa mais triste
amor é a coisa que mais quero.

(Adélia Prado, O sempre amor).

O amor comporta seu lado alegre e triste, como algo genuinamente humano, afinal, a doação nem sempre é romântica, comportando, por vezes, a dimensão da renúncia e do sofrimento.

Antes de tudo, temos de nos perguntar pelos vínculos, pela comunhão de vida e coração. Distribuir “eu te amo”, a torto e a direito, não significa propriamente vincular-se, encarnar-se na vida de alguém, sofrer por amor. Tudo se torna efêmero, superficial, para não dizer banal. Assim reflete *Amoris Laetitia*: “Transpõe-se para as relações afetivas o que acontece com os objetos e o meio ambiente: tudo é descartável, cada um usa e joga fora, gasta e rompe, aproveita e espreme enquanto serve; depois... adeus” (n. 39).

Se em tempos anteriores dizer “eu te amo” comportava uma série de burocracias sociais, reservadas para momentos específicos, hoje a dimensão amorosa se mostra fluida, incerta, passageira.

Cazuza (1987) já indicava essa necessidade, mesmo sob o risco de não ser correspondido: “E eu não sei em que hora dizer, me dá um medo, que medo. É que eu preciso dizer que eu te amo, te ganhar ou perder sem engano”. Amar é correr riscos, jogar-se na realidade da outra pessoa, chegando até mesmo a esquecer de si, por só pensar no ser amado.

À luz da Vida Religiosa Consagrada

A consagração religiosa propõe ao sujeito não a autopreservação, mas o arremessar-se em uma causa para além de si mesmo, em nome de um ideal comum, coletivo, abraçado livremente. O sujeito em questão é capaz de abrir mão do bem-estar pessoal, de uma vida de conforto e estabilidade, na firme decisão de que o ideal abraçado vale mais do que a segurança e o bem-estar.

Em nome deste projeto comum, assumido livremente, o sujeito vive em obediência, na certeza de que o Senhor Deus lhe mostra o caminho, mediante seus irmãos e irmãs de caminhada, os quais discernem com ele ou ela o melhor a ser feito.

Viver um estilo de vida essencialmente comunitário, respeitoso das individualidades, mas que ao mesmo tempo convida o sujeito para além de si é um dos desafios atuais da vida religiosa consagrada, por seu estilo contracultural, em que os desejos e motivações individuais se sobrepõem aos ideais coletivos. O sujeito pode até aderir a um projeto coletivo, desde que suas satisfações pessoais estejam devidamente asseguradas.

A consagração religiosa atual passa por este desafio, mas que pode se tornar uma grande possibilidade, em ter de integrar as motivações individuais e os vínculos coletivos, institucionais. Vivemos como equilibristas, na desafiante tarefa de tender sim, ora para um lado, ora para o outro, mas sem deixar que tudo desande e se perca.

Antes de encerrar essas provocações, queremos ajustar o foco para um público mais específico na Vida Religiosa: a juventude religiosa, sobretudo em processo de acompanhamento vocacional.

Dissemos que “Vamos fazer um filme?” é uma música que nos ajuda a pensar na dimensão de passado, presente e futuro. Ora, foram justamente essas as indicativas do Papa Francisco por ocasião do Ano da Vida Religiosa, quando nos convidou a *olhar com gratidão o passado, viver com paixão o presente e a abraçar com esperança o futuro*. (FRANCISCO, 2014).

Parece-nos fundamental que os jovens que chegam à Vida Religiosa possam conhecer devidamente o que foi feito por quem os antecedeu, quanto testemunho bonito, quanta vida doada, quantas dificuldades superadas. Quem chega não está “inventando a roda”, como muitos pensam. O passado não é simplesmente um acúmulo de equívocos que devem corrigidos por novas mentalidades, mais arrojadas. Sim, em nossas congregações houve decisões infelizes, aconteceram coisas das quais não nos orgulhamos, mas isso não invalida todo o processo vivido.

Quanto ao presente, bom, a juventude está imersa nele. Se a juventude está devidamente apaixonada pela pessoa de Jesus, devidamente provocada pelas opções do evangelho... é algo que devemos nos perguntar. Aliás, quais têm sido as paixões da juventude atual que procura a Vida Religiosa?

Em relação ao futuro, Papa Francisco é pé no chão ao dizer que a esperança não se funda em saber que tudo serão flores, pois há um contexto eclesial e de sociedade que não podemos ignorar: a diminuição das vocações e o envelhecimento, problemas econômicos, os desafios da internacionalidade e da globalização, as insídias do relativismo, a marginalização e a irrelevância social. E nos desafia: “Não cedais à tentação dos números e da eficiência, e menos ainda à tentação de confiar nas vossas próprias forças” (FRANCISCO, 2014). Como isso soa em nossa realidade de congregação?

Demos mais um passo. Como dissemos, Renato Russo se inspira no lema dos Três Mosqueteiros para dizer: “um por todos e todos por um”. Durante o processo eleitoral de 2018, muitos grupos sociais, ao preverem que passariam por um período de hostilidades, adotaram o lema: “ninguém solta a mão de ninguém”, que traduz bem a mesma ideia acima.

O processo sinodal que estamos vivendo escolheu a passagem de Isaías 54,2 para nos provocar a alargar o espaço de nossa tenda. A Campanha da Fraternidade de 2024 diz que é preciso estender as lonas de nossa tenda, “de modo que possam proteger também

aqueles que ainda se encontram fora deste espaço, mas que sentem chamados a entrar” (CNBB, 2023, p. 67).

Em tempos de individualismo, de competição *à la Big Brother Brasil*, é fundamental que a juventude entenda e adira à uma outra lógica, de comunhão, de companheirismo, de solidariedade. Esses deverão ser critérios vocacionais a serem levados em consideração. “Este rapaz, esta moça, estão demasiado presos em seu próprio modo de ser, ou há abertura para sair de si e abraçar a lógica inclusiva do Reino de Deus?”

Nossa música termina repetindo várias vezes “eu te amo”. As questões ligadas aos afetos e à sexualidade não se restringem à juventude, mas nos acompanham pela vida afora. Mas com relação a esta fase específica, sabemos o quão desafiador tem sido a vivência de uma sexualidade minimamente equilibrada. Francisco assim nos recorda: “A sexualidade não é um recurso para compensar ou entreter, mas trata-se de uma linguagem interpessoal em que o outro é tomado a sério, com o seu valor sagrado e inviolável. Assim, o coração humano torna-se participante, por assim dizer, de outra espontaneidade” (AL, n. 151). Numa sociedade de descarte, também o outro é visto como descartável: “Transpõe-se para as relações afetivas o que acontece com os objetos e o meio ambiente: tudo é descartável, cada um usa e joga fora, gasta e rompe, aproveita e espreme enquanto serve; depois... adeus” (AL, n. 39).

Não é raro, na experiência religiosa, termos vivências muito diferenciadas com relação aos afetos: ora a pessoa se considera anjo, que não sente, não deseja; ou do contrário, está enredado nas teias da depravação. Uma formação sadia da sexualidade deve incluir o respeito e a valorização da diferença, que mostra a cada um a possibilidade de superar o confinamento nos próprios limites para se abrir à aceitação do outro, bem como ter apreço pelo próprio corpo na sua feminilidade ou masculinidade, para se poder reconhecer a si mesmo no encontro com o outro que é diferente. Francisco ressalta: “Só perdendo o medo à diferença é que uma pessoa pode chegar

a libertar-se da imanência do próprio ser e do êxtase por si mesmo” (AL, n. 285).

Deus nos chamou assim como somos, mas temos um longo caminho pela frente, de conhecimento e adesão ao seu projeto de vida, de quebra de nossos casulos, de doação, mas também de muita alegria pela vida partilhada. É muito convidativa a provocação do Papa Francisco ao propor o Evangelho como alegria, capaz de encher o coração e a vida toda. Quantos se deixam salvar por Cristo “são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento” (EG, n. 1).

Uma vida assim, doada, feliz, alicerçada no Evangelho de Jesus Cristo, será um belo testemunho de que o mundo pode ser melhor, de que a nossa união não deixa ninguém soltar a mão de ninguém, e o passado, o presente e o futuro são vividos com gratidão, paixão e esperança. Ora, vamos fazer um filme assim? O trailer promete uma produção inspiradora!

Por fim...

Como dissemos no início, este texto apenas puxa a conversa, no convite de que as reflexões acerca das juventudes continuem. Cabe a nós revirar as gavetas de nossas vivências e redescobrir ali exemplos “de bondade e respeito do que o verdadeiro amor é capaz”.

Para dialogar em comunidade

1. O que você destaca dessa reflexão?
2. Que outras características das juventudes você percebe e que não estão indicadas no texto?
3. Se formos “fazer um filme” das juventudes atuais, como seria o roteiro?

Referências

EU PRECISO dizer que te amo. Agnaldo Batista De Figueiredo / Torcuato Mariano / Julio Borges / Alexandre Lucas / A Dantas. Warner/chappell Edicoes Musicais Ltda, Universal Mus. Publishing Mgb Brasil Ltd, 1987.

FRANCISCO, Papa. **Carta Apostólica às pessoas consagradas**. Roma, 21 de novembro 2014. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco_lettera-ap_20141121_lettera-consacрати.html Acesso em: 23 de fevereiro de 2024.

FRANCISCO, Papa. **Christus Vivit**. Exortação Apostólica Pós –Sinodal aos jovens e a todo o povo de Deus. São Paulo: Paulinas, 2019.

FRANCISCO, Papa. **Evangelii Gaudium**: Exortação apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Roma, 2013. São Paulo: Paulus, 2013.

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica Amoris Laetitia sobre o amor em família**. São Paulo: Paulinas, 2016.

FRANCISCO, Papa. **Laudato Si**. Carta Encíclica sobre o cuidado da Casa Comum. São Paulo: Paulus, 2015.

INDIOS. Renato Manfredini Junior. Sony/ATV Music Publishing LLC, 1986.

MIRANDA, Luiz Fernando. Geração "nem-nem": o que é, causas e consequências. **QueroBolsa**, 17 de março de 2023. Disponível em: <https://querobolsa.com.br/revista/geracao-nem-nem> Acesso em: 23 de fevereiro de 2024.

VAMOS fazer um filme. Renato Manfredini Junior. EMI Music Publishing, 1993.



Realidades juvenis brasileiras: impactos contemporâneos e perspectivas para a ação eclesial.

Patrícia Espíndola de Lima Teixeira

Licenciada em Pedagogia. Pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional e em Filosofia e Autoconhecimento. Mestra e Doutora em Teologia. Coordenadora do Observatório Juventudes PUCRS/Rede Marista. Endereço para contato: pp.patriciateixeira@gmail.com

Um mirar introdutório

Mirar é um ajuste no detalhe do que se vê. É fixar os olhos visando entender. Pressupõe a intencionalidade da atenção. O exercício que se apresenta neste artigo é de mirar em algumas realidades juvenis em contextos brasileiros, destacando possíveis impactos nas vivências juvenis e assinalando plausíveis perspectivas eclesiais.

Trata-se de um conteúdo escrito com a esperança que não se furta de pisar no chão dos dias jovens. Ampara-se na fortaleza transcendente da fé cristã, sem suprimir as fragilidades da (des) conexão entre Igreja e as juventudes. Mira também as potências dessa relação e ancora-se na fecunda vocação da Igreja – impelida pelo Espírito Vivificante – em renovar as realidades, visto que a Igreja atua no tempo e, em Cristo, é vocacionada a transformar as relações sociais: “Trata-se antes de uma tarefa confiada à comunidade cristã, que a deve elaborar e realizar através da reflexão e da práxis inspiradas no Evangelho” (Sodano, 2006, par. 53).

Contudo, a intenção deste artigo é sublinhar que não há renovação sem a inclusão afetiva, efetiva e objetiva das juventudes no ativo processo evangelizador. Para tal, oferecerá uma leitura global dos riscos que acometem as vivências juvenis contemporâneas e buscará possíveis perspectivas de enlace com os jovens.

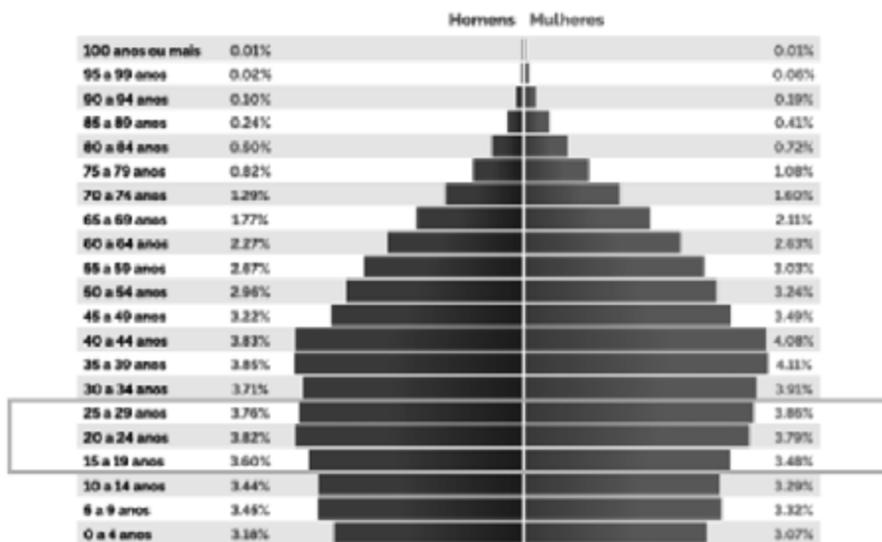
Concisas realidades da população juvenil brasileira

Os primeiros resultados do Censo Demográfico brasileiro em 2022 (IBGE, 2022a) apontaram um panorama que não pode passar despercebido: a redução significativa da população juvenil (e infantil¹) em comparação ao Censo de 2010 (IBGE, 2010). Os dados revelaram que a idade mediana (mais frequente) no Brasil de 2022 é de 35 anos. Em 2010, o indicador era de 29 anos. A pirâmide etária atual, considerando a população por idade e sexo, totaliza em

22,31% a população de jovens entre 15 e 29 anos², sendo 11,18% do sexo masculino e 11,13% do sexo feminino. Menos de ¼ da população brasileira atual encontra-se na categoria juvenil: dos mais de 203 milhões de brasileiros, cerca de 49 milhões são jovens.

Para pormenorizar, encontra-se a seguir a imagem da pirâmide etária disponibilizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022a):

Gráfico 1 – Pirâmide etária

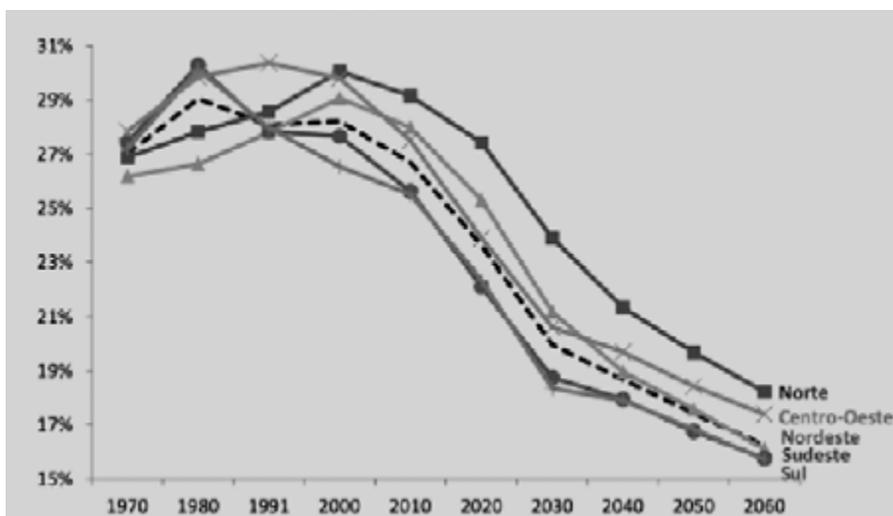


Fonte: IBGE (2022a).

Se cruzarmos esses dados, com as prospecções da população brasileira juvenil até 2060, externadas no relatório da pesquisa nacional *Jovens, populações e percepções*, disponibilizado através do Atlas das Juventudes (2020) e desenvolvido com o Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas, percebe-se que no prolongamento desse fluxo piramidal os cenários vindouros continuarão em significativo decréscimo da população juvenil, como observa-se:

² Conforme o Estatuto da Juventude, Lei n. 12.852/2013, são considerados jovens as pessoas entre 15 e 29 anos (Brasil, 2013).

Gráfico 2 – Percentual de jovens na população por macrorregião (1970-2060)



Fonte: Atlas das Juventudes (2020, p. 17).

A tendência de redução da população de jovens brasileiros nas primeiras décadas no milênio vem se confirmando. Ademais, grande parte dessa população enfrenta falta de acesso aos direitos básicos e de suporte para um desenvolvimento integral saudável: afetada na qualidade educacional, acesso à saúde, à profissionalização, impactadas pelos múltiplos fatores de insegurança que as acometem.

Das condições educacionais e do mundo do trabalho, considera-se que 1 a cada 5 jovens brasileiros entre 18 e 24 anos não estuda, nem trabalha, conforme a *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: educação* (IBGE, 2022b). Sobre as realidades da geração marcada pela pandemia da COVID-19, o estudo *Juventudes e a pandemia: e agora?* (Atlas das Juventudes, 2022) apresenta emergências ligadas à saúde mental: 6 a cada 10 jovens relatam ter passado por quadros de ansiedade, 5 a cada 10 apresentaram exaustão ou cansaço constante e 4 a cada 10 afirmam faltar motivação ou interesse por atividades cotidianas. Jovens com insônia (36%), aumento ou perda exagerada de peso (33%) e em manter o

foco nas atividades (52%) evidenciam impactos desde a formação à saúde integral.

No que diz respeito à segurança, um a cada quatro jovens brasileiros relata ter sofrido algum tipo de violência, seja física, psicológica ou sexual. No caso dos jovens-adolescentes, a situação de vulnerabilidade é ainda mais grave, pelo que aponta a pesquisa *Panorama da situação de saúde dos jovens brasileiros de 2016 a 2022: intersecções entre juventude, saúde e trabalho*, concebida pela Agenda Jovem da Fundação Oswaldo Cruz (LEANDRO; SOBRINHO; ABRAMO, 2023). Alertas para alta incidência de suicídio e violências autoinfligidas na adolescência são publicadas pela Sociedade Brasileira de Pediatria (2023). Tais dados, quando segmentados por características interseccionais, seja por sobreposições étnico-raciais, socioeconômicas e condições de gênero, tornam-se ainda mais estaremcedores. Jovens migrantes, jovens dos povos originários e tantas outras juventudes ainda mais feridas em suas dignidades.

Mais do que o fundamental olhar da realidade a partir das estatísticas, a situação contemporânea requisita o cuidado imediato com a vida juvenil. Há uma solicitação de cooperação solidária por trás desses números. De um modo mais explícito, há uma urgência de empenhamento com a vida das jovens gerações. A implementação de políticas preventivas e interventivas é emergencial, assim como a constituição de redes de impulsionamento do desenvolvimento integral das jovens gerações.

Em verdade, o compromisso solicitado pelo Papa Francisco (2020b) em mensagem de vídeo no encontro promovido pela Congregação para a Educação Católica, para que haja critérios da práxis cristã a partir da escuta das vozes das crianças, adolescentes e jovens, a quem a geração adulta é responsável em transmitir valores e conhecimentos, visando à construção conjunta de um futuro de justiça e paz e uma vida digna para toda a pessoa, torna-se cada vez mais inadiável, como os achados descortinam.

Pro-vocações à ação eclesial com jovens

A Igreja como realidade encarnada enraizada no coração trinitário configura-se como uma sociedade visível e espiritual, que em Cristo vivo constitui-se em natureza e missão transversal aos tempos (PAULO VI, 1964). Neste terceiro milênio, a Igreja é desafiada a permanecer como o farol de esperança e de paz em meio às sombras de uma cultura fechada, reconhecendo que os jovens encontram um mundo em crise (FRANCISCO, 2020a). Fato é que onde há crianças e jovens, há sementes de esperança, e onde está a Igreja na atualidade, deveria esta ser encontrada como uma “mãe solidária” que cria “um lar”, como “casas de comunhão”, responsivas aos dramas de seus jovens filhos (FRANCISCO, 2019).

Ainda na relação da Igreja com a condição juvenil, a contribuição consiste em dedicar-se a atender ao apelo por uma “aldeia global de educação” (ANEC, 2019, p. 5) que (trans)forma culturalmente os ambientes, reverberando os compromissos:

- a) do cuidado com cada pessoa – e cada pessoa jovem – na perspectiva da ecologia integral;
- b) do investimento das melhores energias com criatividade e responsabilidades capazes de construir um tecido de relações em vistas de um novo humanismo;
- c) formar pessoas disponíveis ao serviço da comunidade, sobretudo frente aos mais vulneráveis.

Tal incumbência implica (re)arquiteturas de gestão sistêmica que superem a indiferença e o descarte que impregna a existência de muitos jovens. Assim como os indicadores sinalizaram, a “cultura do cuidado” (FRANCISCO, 2013) não pode ficar sujeita a um jargão, mas deve consolidar uma decisão evangelizadora ativa, traduzida em posturas e planejamentos pastorais efetivos, direcionados à plena constituição juvenil. De tal modo, a vinculação não consiste em qualquer forma de conexão entre a Igreja e juventude, mas como

uma relação unitiva preferencial edificada no sentido mais abundante de vida. Assim, o cuidado torna-se uma bússola dos princípios sociais e eclesiais (FRANCISCO, 2021b).

Nesse mirar cuidadoso com a vida juvenil, prevalece a focalização no direito básico de existirem. Contudo, não qualquer existência, mas uma existência à altura da dignidade de um filho de Deus. Esse é um grande diferencial solicitado e testemunhado pelo Cristo Mestre. Para isso, acentua-se a janela de oportunidade de vinculação e exercício de aproximação com as juventudes atuais. São existências juvenis que clamam por um mundo de dignidade reconhecida e do legítimo direito à vida e ao pleno desenvolvimento. Clamam por plenitude. Há nesse clamor juvenil sede de pertencimento a um projeto maior de vida, sede de “tornar-se”.

Nesse sentido, algumas questões se erguem à Igreja, do mirar voltado ao cuidado com as jovens gerações nestas primeiras décadas do século XXI:

- Quem são os jovens alcançados pela fé cristã?
- Quem são os jovens que não são alcançados pela fé cristã?
- Quais os contextos de vida entretecem as existências dos jovens do nosso entorno?
- O que de fato se oportuniza aos jovens contemporâneos para que estes se desenvolvam integralmente, inclusive em relação à fé?
- Que arquétipos religiosos têm sido oferecidos às jovens gerações para uma vida salutar e determinada ao Bem?
- Forma-se as jovens gerações em que modelos de espacialidade e temporalidade?
- O quanto a era digital impacta a ação evangelizadora da Igreja com os jovens? Tais impactos são sempre positivos? São sempre negativos? Há razoabilidades?
- Que modelos de adultos os jovens encontram na contemporaneidade da sociedade e da Igreja? O quanto de coerência encontram nas funções assumidas pela geração adulta?

- Que paradigma de valores (humanos, espirituais, sociais, morais, estéticos, materiais etc.) são oportunizados aos jovens? Esses valores foram ensinados pela pessoa de Jesus Cristo?
- Qual a função de cada pessoa no desenvolvimento das jovens gerações? E da família? Da sociedade? Da Igreja?
- Como se encontra o compromisso eclesial de “ser Igreja em formação”, “ser Igreja em cuidado”, “ser Igreja em assistência” às gerações mais jovens?

São algumas interrogativas que podem oportunizar um debate mais assertivo para os planejamentos evangelizadores com as juventudes. E mais do que buscar respostas isoladas, merecem ser dialogadas com as próprias juventudes. Do mirar ao escutar intencional e ativo, esse é o exercício. A atitude “samaritana” da Igreja (Lc 10, 29-37 *apud* CELAM, 2017) olha ao entorno, parte para a aproximação, entra em diálogo diligente, contribui com o discernimento e restaura vidas. Além do mais, contribui para a conexão com os jovens como seu público preferencial, visto que o Cristo Vivo os quer irradiando vida e não nas indefensibilidades (FRANCISCO, 2019).

Desse prisma de cuidado relacional, a Igreja Católica sem dúvida tem muito a contribuir com ressignificações no compromisso com os jovens. Mesmo porque fazer a experiência da fé cristã é um direito legítimo de todo jovem (assim como aderir a essa fé). Se é dever da Igreja o anúncio do Evangelho como missão delegada pelo próprio Jesus, para que o direito de conhecer as concepções do cristianismo, é preciso a superação da cultura estática que aguarda que as novas gerações sejam acessadas espontaneamente.

A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (FRANCISCO, 2013) já indicava um percurso eclesial “em saída” que assume o “primeirar” como preeminência, superando o apego ao comodismo e dirige-se às periferias existenciais, não deixando à própria sorte os que necessitariam ser o público preferencial da ação evangelizadora. A Doutrina Social da Igreja (DSI) (SODANO, 2006) carrega os

princípios basilares para o bem comum e de responsabilidade com o mundo que se oferta às jovens gerações. A DSI atualizada com o olhar contemporâneo da Carta Encíclica *Fratelli Tutti* (FRANCISCO, 2020a) abre o caminho eclesial proponente de amizade social como conexão de fraternidade e vida; e vida em plenitude para todo jovem – em sua condição de sujeito cidadão; e para o jovem todo – em sua condição singular de pessoa humana.

Mirar cada jovem na sua realidade de pessoa: ontológica, única e total

Cada jovem descreve sua própria existência em um mundo ao seu redor como um sacramento do novo. Jovens não são nem anjos, nem demônios, como tantos discursos polarizados esforçam-se em forjar. Não são recursos utilitários, não são objetos, não são abstrações, não respondem apenas ao instintivo, não são qualquer estereótipo que se queira rotular. Jovens são seres humanos em desenvolvimento em um tempo histórico, adentrando um mundo que já se encontra em movimento. Possuem responsabilidades próprias para o desenvolvimento e engajamento, mas em tempo algum deveriam ser apontados como os únicos responsáveis por suas carências, dores e afastamentos.

Se há diferentes gerações habitando uma mesma cronologia histórica, também há um tempo de *kairós* onde a graça divina é atuante. Conforme o Catecismo da Igreja Católica (CNBB, 2000), na dignidade de pessoas, os seres humanos são únicos, totais, irrepetíveis e capazes de Deus. Jovens são pessoas que, como imagem de Deus, expressam identidades e constituídas em sociabilidades. Personalidades que se formam em um meio social – atualmente, físico e digital – e que respondem a esse meio. Tais respostas, muitas vezes, rompem os determinismos e condicionantes que os limita. Assim, o jovem não é “feito”, não é passivamente “pronto”. É um ser ontologicamente livre e capaz de transcender as circunstâncias e de, se assim discernir, responder à espiritualidade cristã.

No entanto, como jovem, merece e precisa do apoio de um “outro” nessa transcendência. É justamente no encontro com o “outro” enquanto alteridade que realiza construções e reconstruções, significados e ressignificações, *re-visões* sucessivas entre vivido, o futuro e o agora. Na fé cristã, ser alteridade é ser discípulo missionário do próprio Cristo. Assim, para as juventudes, esse “outro” pode ser um acompanhador a assumir-se como um *alter Christus*. As juventudes solicitam: “queremos ser encontrados onde estamos – intelectualmente, emocionalmente, espiritualmente, socialmente e fisicamente” (SECRETARIA Generalis Synodi, 2018, p. 15). Esse acompanhamento descentralizado implica conduzir cada jovem para realidades de comunhão com outros jovens, como pares que se nutrem em ânimo de vida e nas relações intergeracionais.

Por isso e por tantos outros soerguimentos, os grupos juvenis acompanhados por maduras vocações adultas possuem um papel relevante na requisição de justiça para a condição juvenil, e para a vivência do cristianismo com o frescor do novo. Essa boa nova juvenil de diversidade na unidade – unida ao rosto jovem de Cristo – é uma contribuição que só as gerações mais novas podem fazer na vida da própria Igreja do terceiro milênio.

Jovens identificam-se em corporeidade, desde as transformações biológicas que vivenciam, as diversas situações familiares que experenciam, questões de saúde e educação, até as buscas e encontros que trazem significados suas existências: consigo, com o outro, com a sociedade e com a própria Igreja. Jovens projetam vidas de modo singular e em parâmetros coletivos com outros jovens. Ressalta-se que Jesus Cristo como mistério redentor se revela e ilumina as juventudes, visto que Jesus é um jovem entre os jovens (FRANCISCO, 2019).

Fato é que o sagrado se manifesta através de rostos juvenis cotidianos como fonte inesgotável e novidade perene. As sementes do Verbo referidas no Concílio Vaticano II (PAULO VI, 1965), recordam que o Espírito age onde quer em meio às diferentes circunstâncias. Sem dúvida, essas sementes do sagrado germinam nas jovens gerações: seja em suas culturalidades, nas suas racionalidades, nas

suas projeções, nas suas inquietações, nas chagas que os afligem, nas coragens e esperanças que carregam. Esse sagrado em meio aos jovens pode se delinear em uma consciência ativa de capacidade profética, com valor humano e espiritual da “gana”, ou melhor, do ímpeto de vida que deveria saltar aos olhos da geração adulta.

Nesse sentido, se no espírito juvenil encontra-se a vitalidade, como um hálito unitivo, esse mesmo espírito, enquanto potência humana, anseia por conhecer, sentir, ter vontade e agir³. Por isso, quando na contramão desse espírito, encontram-se jovens *des-animados*, socialmente afligidos e, como Igreja, deve-se realizar uma reflexão mais aprofundada. Se a fadiga existencial presente em uma contemporaneidade de esgotamento coloca sobre os ombros dos jovens a responsabilidade individual os dramas da existência (HAN, 2017), como Igreja solidária formada por discípulos de Cristo, a resposta eclesial não deveria permitir que a pessoa jovem se resolva por ela mesmo e assuma solitariamente seus desafios. A ação eclesial com jovens requisita acompanhamento formativo, requer a cooperação com o projeto de Deus para a humanidade, que se traduz em vida em abundância, exigindo impreteríveis alinhamentos quando se trata de atuação com jovens e seus agrupamentos.

Para dialogar em comunidade:

1. Que pontos pode-se destacar a partir do conteúdo apresentado?
2. Analisando as juventudes com as quais atuamos em nosso cotidiano, quais fatores mencionados podem contribuir com o nosso planejamento de evangelização?
3. Quais compromissos a “cultura do cuidado” nos impele em assumirmos como Igreja e sociedade?

³ O espírito não se rompe no dualismo que cinde a unidade corpo-alma. Ser pessoa é ser integralidade: alma expressada na corporeidade. Na tese doutoral da autora, pode ser mais bem detalhado no ponto *A travessia formativa “desde dentro das vivências”*: a integralidade como diretriz antropológica (TEIXEIRA, 2022).

Referências

ANEC. **Pacto educativo global**: Vademecum. Brasília: ANEC, 2019. Disponível em: <https://www.educationglobalcompact.org/resources/Risorse/vademecum-portuges.pdf>. Acesso em: 29 dez. 2023.

ATLAS DAS JUVENTUDES. **Jovens, população e percepções**. Rio de Janeiro: FGV Social, 2020. Disponível em: <https://atlasdasjuventudes.com.br/jovens-populacao-e-percepcoes/>. Acesso em: 26 dez. 2023.

ATLAS DAS JUVENTUDES. **Juventudes e a pandemia**: e agora? Rio de Janeiro: FGV Social, 2022. Disponível em: https://atlasdasjuventudes.com.br/wp-content/uploads/2022/09/JuventudesPandemia3_Relato%C-C%81rioNacional_20220923.pdf. Acesso em: 26 dez. 2023.

BRASIL. **Lei n. 12.852, de 5 de agosto de 2013**. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude (SINAJUVE). Brasília: Presidência da República, 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/12852.htm. Acesso em: 5 jan. 2024.

CELAM. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus, 2017.

CNBB. **Campanha da Fraternidade 2022**: texto-base. Brasília: Edições CNBB, 2021.

CNBB. **Catecismo da Igreja Católica**. São Paulo: Loyola, 2000.

FRANCISCO, Papa. **Christus Vivit**: Exortação apostólica pós-sinodal do santo Padre Francisco aos jovens e a todo o povo de Deus. São Paulo: Paulus, 2019.

FRANCISCO, Papa. **Evangelii Gaudium**: Exortação apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO, Papa. **Fratelli Tutti**: Carta encíclica Fratelli Tutti do santo Padre Francisco sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulus, 2020a.

FRANCISCO, Papa. **Mensagem de Sua Santidade o Papa Francisco para o 50º Dia Mundial das Comunicações Sociais**. Roma, 2016. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papafrancesco_20160124_messaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso em: 5 jan. 2024.

FRANCISCO, Papa. **Mensagem do Papa Francisco para a 36ª Jornada Mundial da Juventude**. Roma, 2021a. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/youth/documents/papa-francesco_20210914_messaggio-giovani_2021.html. Acesso em: 29 dez. 2023.

FRANCISCO, Papa. **Mensagem do santo Padre Francisco para a 37ª Jornada Mundial da Juventude 2022-2023**. Roma, 2022. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/youth/documents/papa-francesco_20220815_messaggio-giovani_2022.html. Acesso em: 27 dez. 2023.

FRANCISCO, Papa. **Mensagem do santo Padre Francisco para a celebração do 54º dia mundial da paz**. Roma, 2021b. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20201208_messaggio-54giornatamondiale-pace2021.html. Acesso em: 29 dez. 2023.

FRANCISCO, Papa. **Mensagem em vídeo do Papa Francisco por ocasião do encontro promovido pela congregação para a educação católica: "Global Compact on Education: together to look beyond"**. Roma, 2020b. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2020/documents/papa-francesco_20201015_videomessaggio-global-compact.html. Acesso em: 29 dez. 2023.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017.

IBGE. **Censo 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 5 jan. 2024.

IBGE. **Censo 2022: panorama**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022a. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 24 dez. 2023.

IBGE. **PNAD Contínua: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022b. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html>. Acesso em: 5 jan. 2024.

LEANDRO, Bianca; SOBRINHO, André; ABRAMO, Helena (org.). **Panorama da situação de saúde de jovens brasileiros 2016 a 2022: intersecções entre juventude, saúde e trabalho**. Rio de Janeiro: Agenda Jovem Fiocruz, 2023. Disponível em https://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/files/DOSSIE_juventude.pdf. Acesso em: 26 dez. 2023.

PAULO VI, Papa. **Ad Gentes**. Decreto sobre a atividade missionária da Igreja. Petrópolis, Vozes, 1965.

PAULO VI, Papa. **Lumen Gentium**. Constituição Dogmática sobre a Igreja. Petrópolis, Vozes, 1964.

RUFFINI, Paolo. **Rumo à presença plena**: uma reflexão pastoral sobre a participação nas redes sociais. Roma, 2023. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/dpc/documents/20230528_dpc-verso-piena-presenza_pt.html. Acesso em: 5 jan. 2024.

SECRETARIA GENERALIS SYNODI. Documento final da reunião pré-sinodal. *In*: ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, 15., 2018, Roma. **Anais** [...]. Roma, 2018. Disponível em: <http://secretariat.synod.va/content/synod2018/pt/apresentacao-della-reuniao/documento-final-da-reuniao-pre-sinodal.html>. Acesso em: 5 jan. 2024.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Setembro amarelo: a cada ano, mil jovens brasileiros tiram a própria vida, alerta Sociedade de Pediatria. **SBP**, Rio de Janeiro, 29 set. 2023. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/setembro-amarelo-a-cada-ano-mil-jovens-brasileiros-tiram-a-propria-vida-alerta-sociedade-de-pediatria/>. Acesso em: 26 dez. 2023.

SODANO, Angelo. **Compêndio da Doutrina Social da Igreja**. Petrópolis; Vozes, 2006.

STEIN, Edith. Estructura de la persona humana. *In*: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier (org.). **Obras completas**. Vitoria: El Carmen, 2003. v. 4. p. 555-749.

TEIXEIRA, Patrícia Espíndola de Lima. **Aprender a reconhecer nas vivências juvenis o solo sagrado**: um peregrinar antropológico em compromisso com o telos da formação integral das jovens gerações nos princípios teológicos-pedagógicos da fenomenologia de Edith Stein. 2022. 293 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022. Disponível em <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/10292>. Acesso em: 29 dez. 2023.



Inquietações e reflexões sobre a VRC e sua atratividade.

Ir. Jilson de Souza Toledo, fms

Irmão Marista. Doutorando em Teologia. Membro da Equipe Interdisciplinar da CRB Nacional. Endereço para contato: mistagogo@yahoo.com.br

Introdução

A tarefa de ressignificar a VRC numa Igreja sinodal tem várias dimensões. Uma delas é a animação vocacional. A capacidade de dialogar e ser atrativa para as novas gerações é um desafio colocado aos consagrados e consagradas. Parte deste desafio passa por considerar a maneira como “olhamos” as gerações que estão dentro e fora das congregações, percebamos como realmente vivem.

A realidade da atratividade de novos membros para as congregações religiosas brasileiras mudou drasticamente nas últimas décadas. A continuidade do ritmo atual de entradas significaria uma diminuição numérica considerável de uma boa parte das congregações. Sem repensar estruturas, este processo levaria ao colapso algumas províncias ou congregações tal como as entendemos hoje. Esta realidade tem produzido revisão de planos, estratégias e estruturas de animação vocacional em muitas congregações, bem como, processos de reestruturação em curso.

Esta realidade pode ser encarada de várias formas: indiferença; ansiedade; negação. A 26ª Assembleia Geral Eletiva (AGE) da CRB apontou um caminho de esperança do qual brota um processo de ressignificação: considerar os números, mas ir além deles. Neste cenário, somos convidados(as) a retomar a audácia evangélica de nossos fundadores e nossas fundadoras: confiar-nos à providência e fazer tudo o que está ao nosso alcance. Filhos e filhas deste tempo histórico, como nossos fundadores, somos desafiados a utilizar as ferramentas que dispomos, descobrir caminhos novos ou inusitados e impregnar nossos olhares e coração com o Evangelho.

Estamos institucionalizados demais, por isso, como toda instituição estamos demasiadamente preocupados na continuidade, no crescimento, na estabilidade, na sobrevivência. No entanto, mas importante que isso, cabe às congregações terem um estilo de vida pedagogicamente organizado para se viver e testemunho o Evangelho. Isso não pode ser relativizado, com o risco de, mesmo retoman-

do numericamente, nos perdermos definitivamente (Mt 5, 13-16; Lc 14, 34-35). O estilo de vida que recebeu o nome de VRC e, por conseguinte, a organização canônica que se chamou Congregação Religiosa (Ordem, Instituto, Sociedade de Vida Apostólica) devem ser mais um jeito de “perder a vida pelo Reino” (Mt 16, 25-26) do que um jeito de manter funcionando obras, instituições, costumes.

Por mais duro que pareça, precisamos reconhecer que não nascemos só para crescer mas para viver o Evangelho apaixonadamente. Uma religiosa, um religioso é alguém que faz coisas pequenas e grandes por um amor que não cabe em si e que não vem de nós: o amor que move o mundo. Movidos e movidas por este amor somos convidados a contemplar os cenários juvenis em que estamos inseridos reconhecendo implicações e atravessamentos quanto a atratividade da VRC. Partimos da intuição do Papa Francisco de que “tudo está interligado”, o que demanda um olhar para a complexidade

Fatores e implicações

Reconhecer nuances, implicações e conexões nas realidades juvenis pode ser um caminho significativo para pensar os desafios da atratividade. Olhando de maneira global, é possível dizer que o diálogo com as juventudes se apresenta como um desafio para todos os grupos na sociedade e em especial para a Igreja. É nítida uma crise na transmissão da fé. É muito mais do que a sua congregação, sua diocese, sua pastoral. Vivemos no ocidente uma crise global nos processos de transmissão de tradições para as novas gerações. Acreditar que é só multiplicar os lugares, os encontros, os responsáveis ou a animação é uma simplificação do fenômeno. É muito mais do que adequar a linguagem. É (re)pensar processos. Lembremos que várias de nossas congregações nasceram como respostas a crises locais, nacionais e globais de um determinado tempo e local. Elas nasceram acionando recursos humanos, culturais e espirituais que estavam ao alcance de seus contemporâneos. Poderíamos nós seguir o caminho de ressignificação e de atratividade a partir desta intuição?

O mundo no qual estávamos acostumados a fazer animação vocacional: famílias numerosas, profundamente católicas e de regiões rurais (em alguns casos de ascendência italiana ou alemã) não existe mais, ou está se reduzindo. Continuar a apostar neste cenário, é investir num contexto que tende a diminuir drasticamente em alguns lugares do Brasil. O que implica em pensar a animação vocacional em contextos urbanos, com diversas configurações familiares, diversidade cultural e familiares plurirreligiosas ou sem vínculos eclesiais?

Regina Novaes (2007) aponta que as juventudes seriam um espelho retrovisor ou um espelho “agigantador”. Nelas enxergamos uma sociedade que está emergindo. Não saber lidar com os jovens é dizer que não sabemos dialogar com a sociedade contemporânea! Nas juventudes reconhecemos este tempo. As pessoas jovens nos ensinam a navegar nestes contextos inéditos para eles e também para nós. Desta forma, cabe perguntar: o que é próprio das juventudes e o que é próprio deste momento histórico? Convida também ter a delicadeza de não pedir dos jovens o que não temos coragem de pedir para quem está a mais tempo na congregação.

Em todos estes contextos reconhecemos que “tudo está interligado”. Não dá para pensar animação vocacional fora da conjuntura em que ela se dá: a sociedade brasileira, as pluralidades das juventudes, os desafios de transmissão da fé na contemporaneidade. Do mesmo modo, precisamos ter cautela com discursos restauracionistas (como se fosse fácil retomar números de décadas passadas) ou que reduzem a complexidade a afirmações tais como “tem vocação sim, é só pedir que Deus enviará” ou “se formos mais radicais conseguimos”. Precisamos reconhecer complexidades e ambiguidades dos cenários em que estamos inseridos e dos nossos contextos provinciais e congregacionais.

Como nossas fundadoras e fundadores precisamos (re)aprender a dar resposta a um mundo que emerge. Iniciar processos na fragilidade e na pequenez, permitir que nossa paixão pela vida e pelo Deus da vida transborde em iniciativas, posturas e escolhas

que dialoguem com os atropelos deste tempo. Acolher com liberdade e humildades perdas e tropeços. Reconhecer as possibilidades presentes nos contextos desafiadores.

Ao dar passos para dar respostas aos desafios deste tempo encontramos inspiração no Papa Francisco. Ele nos convida a sonhar uma Igreja pobre e serva, samaritana, sinodal para sociedades em profundas e aceleradas mudanças, para as quais os discípulos de Jesus são chamados a ser uma Boa Notícia nos diversos jeitos de ser, crer e viver.

Outra provocação nos vem de José Comblin (2012). Segundo ele, o Documento de Aparecida é ótimo, no entanto, demoraríamos um século para colocá-lo em prática porque o clero, as religiosas e religiosos e o laicato não foram formados para uma Igreja em processo de missão.

Pensar a animação vocacional nestes tempos demanda nos perguntarmos: vocações para qual Igreja? A que processos e sonhos eclesiais nosso jeito de fazer animação vocacional está relacionado? Realmente as posturas, palavras e iniciativas que aplaudimos de Francisco incidem em nosso jeito de fazer animação vocacional? Somos fator de impulso ou empecilho para uma igreja sinodal? Se olharmos para animação vocacional e nossas casas de formação seremos daqui a alguns anos colaboradores/propulsores ou empecilhos para a reforma que almejamos? Como lidamos com as respostas a essas perguntas?

Qual experiência de fé?

Alguns falam em secularização. E é um fator a ser considerado, mas não absolutizado (HERVIEU-LÉGER, 2008). Se as vocações à VRC, na maioria das sociedades, floresceram em contextos de busca espiritual, quais seriam os “terrenos férteis” deste tempo? Quais características desta experiência neste tempo tem marcado nossos candidatos e nossas candidatas? Todas as possibilidades de buscas têm lugar em nossas congregações?

Quando falamos de secularização não estamos abordando simplesmente a diminuição do espaço da religião na sociedade. Não, o fenômeno é mais complexo. Se de um lado cresce em vários lugares o número dos que se dizem “sem religião” (o que não significa necessariamente não crer em Deus, mas uma experiência religiosa que prescinde a vida comunitária e da vinculação com a organização paroquial), de outro, cresce cada vez mais um jeito de “crer sem pertencer” (HERVIEU-LÉGER, 2008) Em alguns lugares, no pós-pandemia, é visível a redução da presença e do compromisso pastoral. Se, de um lado, símbolos e costumes vão perdendo sua capacidade de coesão social, por outro, a busca religiosa é expressão até de caráter bélico e anti-científico, exemplificado na afirmação de que a Terra é plana.

O “Ele está no meio de nós” professado na Liturgia, em algumas situações, parece dar lugar a um “deus” que se coloca “acima de todos”. Um jeito agressivo de professar a fé toma espaço em várias igrejas. Se, de um lado, parece que Deus está ausente, de outro, se mostra presente de um jeito bem diferente do testemunhado por Jesus. É em meio a estes cenários que somos convidados a acompanhar jovens e adultos em seus processos de discernimento.

Outro desafio que emerge neste processo são os “recém-convertidos” jovens e adultos que em meio a seu processo de “iniciação cristã” sentem-se chamados, ou seja, a ideia de que a opção vocacional seria o amadurecer de um processo parece não valer para todos. Alguns, em meio ao processo de chegada ou adesão à fé começam a se questionar sobre os muitos jeitos de viver o Evangelho. Tal cenário tem trazido consequências a animação vocacional e a formação inicial. Considerá-lo nos ajudaria a repensar processos.

Também as pessoas comprometidas com o seguimento de Jesus no compromisso com os empobrecidos nos desafiam a (re)pensar processos vocacionais. Em alguns lugares do Brasil, são poucos os que vivem a fé nesta perspectiva. Poderíamos nos perguntar: como essas pessoas comprometidas com os empobrecidos nos veem? Quais

aspectos de nosso estilo de vida mais lhes chama a atenção? Eles se sentem abertos para partilhar conosco buscas e inquietações?

Se o caminho de discernimento vocacional se insere dentro da experiência de sagrado, cabe a animadores e animadoras vocacionais se aproximarem dos caminhos pelos quais os jovens fazem sua experiência. Vamos nos reconhecendo cada dia mais como companheiras e companheiros de caminho, que contemplam e “contribuem” com o caminho que Deus vai fazendo no coração e na trajetória de uma outra pessoa que nos procurou para dialogar sobre sonhos, moções e horizontes pessoais e comunitários.

Com quais jovens estamos dialogando?

Regina Novaes (2008) aponta os perigos da idealização dos jovens. Eles não são nem inteiramente violentos, nem pessoas só com coisas boas. São gente com a complexidade e ambiguidade de toda pessoa humana. Precisamos ultrapassar uma animação vocacional que idealiza os jovens. Eles não são nem somente problema e nem inteiramente solução. Reconhecer neles pessoas em processo de crescimento que têm o direito de serem acompanhadas, é um desafio eclesial.

Cada experiência geracional é inédita, por isso, acompanhar processos com/ das juventudes é sempre dialogar com o novo. Se deparar com tendências, possibilidades, desafios, limitações com os quais precisamos aprender a lidar. São as pessoas jovens que podem nos dizer o que é ser jovem hoje e mais que isso, são elas mesmas que podem nos ajudar a descobrir os caminhos para acompanhá-las. Não num populismo pastoral de fazer “o que os jovens gostam, o que os jovens querem”, mas num caminho de aprendizagem de reconhecer habilidades e competências que precisamos desenvolver.

Toda esta complexidade pede humildade e foco. Dificilmente trabalhamos com “o todo”, com todos os jovens. Há uma diferença entre estar abertos a todos e todas e conseguir alcançar a todos e

todas. Nosso serviço sempre alcança uma parte. Por isso, ao afirmar a pluralidade das juventudes e abrir o coração a todos, precisamos nos perguntar: nosso trabalho está focado – linguagem, proposta, pedagogia – em quais pessoas jovens, em quais situações juvenis, com quais parcelas das juventudes? São estes realmente os jovens com os quais precisamos dialogar? São estes os que estão nos nossos planos de formação?

O conceito juventudes têm sido muito usado. Ele é importante para entender o fenômeno, mas, como todo conceito precisa também ser relativizado, porque ninguém encontra na rua, na pastoral no colégio, com “as juventudes”, mas encontramos com pessoas jovens.

Continuando o papo...

Conforme comentamos no início, este texto está longe de trazer conclusões. Ele quer humildemente partilhar perguntas e inquietações. Convida a olhar a complexidade das juventudes em seu jeito de ser e sua busca religiosa. Por trás de tudo isso, há pessoas jovens desejosas de seguir Jesus que tem nos procurado, pessoas jovens que, em sua busca de sentido, têm vivenciado os mais diversos contextos, pessoas jovens buscando ser felizes. Nas juventudes e em cada jovem, há questões que desafiam nossa capacidade de olhar, amar e acompanhar.

Cada carisma se aproxima das pessoas jovens de forma diversa. No entanto, nos aproximar delas é o primeiro passo a fazer, tendo o cuidado com o jeito e o olhar para não ignorar ou desmerecer a complexidade do nosso tempo. Cabe-nos viver a consagração neste tempo com tudo que ele traz de possibilidades e limitações. Cabe-nos fazer escolhas. Possivelmente elas marcarão como nossas Congregações vivenciam este tempo de travessia.

Para dialogar em comunidade

1. Descreva as realidades juvenis com as quais sua comunidade trabalha/convive ou pretende trabalhar/conviver.
2. Ao contemplar as realidades juvenis que nos são mais próximas e, tendo presente os desafios e possibilidades de nossa congregação, que entraves e pista para a animação vocacional reconhecemos?
3. Que escolhas nossa comunidade e/ou província precisa fazer para que a animação vocacional contribua no processo de resignificação?

Referências

COMBLIM, José. Projeto Aparecida. **Revista Vida Pastoral**. nº 258, p. 3-10, 2012.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O Peregrino e o Convertido**. A religião em movimento. Petropolis: Vozes, 2008.

NOVAES, Regina. Juventude e sociedade: jogos de espelhos, sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas. **Revista Sociologia Especial: Ciência e Vida**, São Paulo, 2007.

NOVAES, Regina. Trajetórias Juvenis: desigualdades sociais frente aos dilemas de uma geração. In: FERÉS, Maria José Vieira et al. **Texto complementares para formação de gestores**. Brasília: ProJovem Urbano, 2008. p. 42-52.



Perspectivas de atuação com jovens: impreteríveis alinhamentos.

Patrícia Espíndola de Lima Teixeira

Licenciada em Pedagogia. Pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional e em Filosofia e Autoconhecimento. Mestre e Doutora em Teologia. Coordenadora do Observatório Juventudes PUCRS/Rede Marista. Endereço para contato: pp.patriciateixeira@gmail.com

Introdução

Para atuação com as juventudes contemporâneas, a proposta requer integralidade, não separando o espiritual do cultural, do social e do pessoal. Propõem-se olhares integrativas e *pro-vocativas*. Sem a criticidade das reflexões, incorre-se no risco de cair em ações conjugadas por superficialidades e/ou em anestesiamento de banalidades discursivas (FRANCISCO, 2019). Ou ainda, pode-se ir ao extremo farisaico da exclusão dos “não puros”, como indicam alguns discursos fundamentalistas. No esforço de seguimento pautado na pedagogia redentora de Jesus Cristo, alguns alinhamentos na prática com jovens podem ser destacados.

Alinhamentos eclesiológicos de comunhão

Como já tratado, o Papa Francisco aponta para uma cultura do encontro, com dinâmicas de escuta, acompanhamento e discernimento (FRANCISCO, 2013; 2019). Na perspectiva cristã, os jovens não apenas possuem o direito a construir um projeto de vida e futuro; têm, sobretudo, o direito de pautar suas vivências em um percurso vocacional.

Não há dúvida de que os jovens são impactados por pessoas referenciais. Por isso, a cada adepto da fé católica, será esperada a processualidade do discipulado missionário, tal qual a pedagogia de Jesus. Nas comunidades cristãs, a expectativa é de acolhimento, formação de lideranças ao serviço, espaços de protagonismo e engajamento juvenil e desenvolvimento efetivo da fé. À Igreja como instituição será requisitada a condução garantidora dos princípios de evangelização *ad-intra* e *ad-extra*, desde dentro dos núcleos eclesiais até as formas de atuação social e planetária.

Pode-se constatar que no próprio processo do Sínodo dos Bispos (SECRETARIA Generalis Synodi, 2018) sobre o tema *A fé, os jovens e o discernimento vocacional* resgatou a escuta juvenil, que declarou:

Hoje os jovens procuram uma Igreja autêntica. Queremos dizer, especialmente para a hierarquia da Igreja, que ela deve ser transparente, acolhedora, honesta, convidativa, comunicativa, acessível, alegre e interativa com a comunidade.

Com isso, vale pensar a magnitude de instituições eclesiais católicas com governança impactando diretamente as vivências juvenis em sua missão na educação (básica e superior), nas áreas da saúde e na assistência social, capazes de oportunizar o desenvolvimento integral através de sua ação pedagógica, restauradora e inclusiva.

Nessa integração, a Igreja é capaz de se construir com os jovens e não apenas para os jovens. Através de sua missão consciente, é capaz de relegar os discursos evasivos sobre os jovens ou mesmo de rechazar os estereótipos lamentáveis (e, infelizmente, amplamente difundidos), por exemplo, os preconceitos centralizados no universo adulto que, ao “olhar de cima”, afirma ser esta a “geração mi-mi-mi”, “geração floco de neve”, “geração fraca”. Há um esquecimento de que “os filhos são formados pelos pais”, ou seja: se as juventudes assumem determinadas características e atitudes, é inclusive porque elas tiveram origem nos modelos que (não) encontraram.

Assim, a escuta empática das vozes juvenis atuais é fundamental, pois sem ela a conexão fica fragilizada ou até inexistente. Contextos juvenis precisam ser acompanhados e iluminados. Como o luzeiro na mão de quem caminha conjuntamente, o iluminar não é estático, é feito no cotidiano dos dias. Trata-se de uma iluminação em meio às nebulosas que convida ao discernimento e à responsabilidade social com e pelos jovens, caracterizada por uma Igreja sinodal de diálogo intergeracional (FRANCISCO, 2022) e que impele aos jovens e a todos que tenham a “pressa do cuidado”, tal qual Maria, como manifestado na Jornada Mundial da Juventude de 2023.

Esse “apressar-se” em vistas do cuidado gera perspectivas de unidade na diversidade, de relações mais pacificadoras, de sabedoria frente às situações de vida. Escutar, discernir e orientar impli-

cam ativação de sensibilidades diante dos dramas, das conquistas, das pautas, dos sonhos, dos riscos. Sensível é aquele que, ao olhar no entorno, mira na dignidade de cada jovem, se *co-move* e se envolve com esperança em promover qualitativamente suas existências. A esperança alimentada pela indignação frente às condições juvenis atuais e pela coragem de transformá-las, tal qual Agostinho de Hipona postula.

Se a Igreja histórica atravessa mais uma mudança de época, fato é que suas essências de fonte divina restauradora do humano não mudam, porque Cristo não muda: é ontem, hoje e sempre. Assim, convém junto às juventudes não pressupor os fatos como se fossem obviedades; não impor a fé, não supor algum conhecimento/vivência espiritual cristão, mas propor um percurso salutar. A Igreja as impacta pelo que é, diz e faz (CNBB, 2021).

A atitude de adesão a algo, a alguém, a um projeto de vida e ao próprio cristianismo está mais conectada com a irradiação de sentido assumido na prática da vida, do que pela força dos discursos. Os discursos seduzem jovens (e adultos), é verdade; porém, não se sustentam por muito tempo, porque não se configuram na ética do cuidado e nos princípios de encontro restaurativos. Muitos dos discursos polarizados são sedutores e capazes de agrupar exponencialmente as juventudes, sobretudo em meio digital; assim como também são dispersadores, intrigentos e ferozes.

Não à toa que as *fake news* têm levado muitos jovens ao adoecimento, inclusive por questões religiosas. Cancelamentos públicos, discórdias veladas e explícitas, uma Babel edificada ao contrário de um Pentecostes assumido (SODANO, 2006). A cultura do cuidado com as jovens gerações requer presença vivificante em caráter de comunhão com o hálito unitivo e o motor da amorosidade do Espírito. Reforçado pelo alerta do Dicastério para a Comunicação, o documento *Rumo à presença plena: uma reflexão pastoral sobre a participação em redes sociais* (RUFFINI, 2023) recorda que o princípio básico de “amor ao próximo” também se refere aos ambientes digitais.

De fato, a cultura digital imprimiu um impacto profundo na ação evangelizadora com os jovens, quando muitos não conseguem mais separar o ambiente digital da presencialidade física dos dias, cumulando conhecimento, amplificando informações, buscando e mantendo relacionamentos. As juventudes são geradoras, também são produtos desse meio, visto que têm suas próprias identidades constituídas em ambientes digitais. Com jovens é preciso resgatar a encarnação como princípio fundamental para a presencialidade cristã, além de formá-los considerando que

...as redes sociais são capazes de favorecer as relações e promover o bem da sociedade, mas podem também levar a uma maior polarização e divisão entre as pessoas e os grupos. O ambiente digital é uma praça, um lugar de encontro, onde é possível acariciar ou ferir, realizar uma discussão proveitosa ou um linchamento moral (FRANCISCO, 2016).

Desse modo, convém atentar-se para a pedagogia formativa que impele, tal qual Jesus Cristo, em revelar a abundância de vida (Jo 10,10) capaz de ser encontrada na dignidade e no amor para com as pessoas em todos os ambientes e esferas da existência. Assim, além de alinhamentos eclesiológicos de comunhão, há alinhamentos pedagógico-formativos necessários.

Alinhamentos pedagógico-formativos

Educar é o ato diligente em formar alguém, permitindo que este adquira o *status* de *si mesmo*: não um reprodutor de discursos, não uma tábula rasa, não um *Control C* + *Control V* de alguém. Um ser único, total, irrepetível, como já visto. Cada jovem tem direito a conhecer e experimentar a novidade do Evangelho de Jesus Cristo. Porém, mais do que formar “para”, é preciso formar “em”. É desde dentro de relações empáticas que a dinâmica formativa se constitui

com alteridade e legitimidade. Para tal, alguns pressupostos pedagógicos (bastante básicos) podem contribuir na conexão formativa com as juventudes contemporâneas:

- Não fechar os olhos para a condição juvenil enquanto personalidades, sociabilidades, cidadania e eclesiologia;
- Utilizar linguagem clara e objetiva no diálogo;
- Otimizar o tempo, visto que as agendas juvenis são intensas;
- Construir um ambiente evangelizador cuidado nos detalhes;
- Ampliar a visão comunitária da Igreja, participando de ações paroquiais, diocesanas, nacionais e mesmo planetárias, na medida do possível;
- Formar para a autonomia, sem furtar-se da empatia relacional;
- Resgatar a vivacidade e o ânimo pelo Evangelho no *locus* eclesial que habitam;
- Aos adultos, equilibrar o humor: não euforia, nem distopia, diante das existências juvenis;
- Oportunizar junto à dinâmica de formação e espiritualidade juvenil atividades esportivas, culturais, ações solidárias, expressões artísticas;
- Permitir espaços litúrgicos de silêncio e interioridade, sem apartar a espiritualidade missionária com a expressão jovem;
- Favorecer reflexivas e salutares rodas de diálogo entre jovens sobre distintas realidades;
- Promover a contação de histórias, ofertar narrativas, obras, vídeos, *podcasts* edificantes;
- Proporcionar exemplos práticos e concretos aliados ao conhecimento da fé;
- Permitir o desenvolvimento das juventudes sem coibir cada movimento, ou sem deixá-los à própria sorte;

- Aceitar que os jovens são efetivos formadores de outros jovens;
- Atuar na promoção das juventudes em cada espaço social e eclesial;
- Reconhecer que muitos possuem dores profundas e merecem tempos e espaços paulatinos para conectarem-se com a Igreja; outros talvez ingressem na Igreja quase que para substituir a sua família original;
- Aos jovens com certezas excludentes, trazer interrogativas; aos jovens com inseguranças de pertencimento, trazer afirmativas de vinculação. Sempre buscar a pedagogia tal qual Jesus com seus discípulos;
- Clarear a máxima agostiniana com jovens divergentes: no essencial a unidade, na dúvida a liberdade e, em tudo, a caridade;
- Buscar ser coerente com os princípios da fé cristã, visto que formar é também formar-se;
- Fortalecer a identidade discípula missionária da Igreja nos espaços de sua governança em que os jovens se desenvolvem: escolas, hospitais, institutos, casas de acolhida, instituições de assistência; assim como nas estruturas paroquiais, seminários e demais instâncias de presença eclesial.

Esses são alguns breves tópicos que mereceriam ser esculpidos na dimensão ética-antropológica da Igreja, como cooperativos com o desenvolvimento juvenil integral e integrativo.

Alinhamentos ético-antropológicos

Cada jovem é um filho, um estudante, um trabalhador, um irmão, um sobrinho, um neto... um alguém constituído por muitos. O ser humano isolado é uma abstração. Sua existência é uma existência no mundo, sua vida, uma vida em comum, afirma a fenomenoló-

ga canonizada Edith Stein (2003). A herança comunitária também indica uma expressão forte do cristianismo. Mesmo que as famílias atuais nem sempre iniciem suas crianças e jovens na fé cristã, a Igreja como família divina e humana é herdeira de um patrimônio ético e antropológico a ser testemunhado na sociedade.

Na fé cristã, formar juventudes é fomentar o espírito comunitário caracterizado por uma inter-relação e alternância: pessoa – comunidade – sociedade – humanidade – mundo natural, visando a uma ecologia integral em meio à era digital. O amor para ser amor *convive* e transcende tornando-se dom, ou seja, oferta de vida. Nunca aprisionado, nunca em fragmentos, como tantos jovens experimentam. Há uma revitalização necessária do soerguimento do amor cristão em meio aos jovens. Muitos não creem em bondade e/ou em sentimentos plenos e duradouros, não porque não aspiram, mas porque nunca o conheceram. Assim, não experimentam o tamanho de sua própria dignidade, tal qual nem sempre são conhecedores de seus direitos mais básicos.

Mediante a tudo isso, o fio condutor a se estabelecer em cada gesto eclesial deveria estar delineado pela prática do amor cristão. O amor ensinado e compartilhado na vida de Jesus: humano, por que divino. Esse amor com *status* sagrado é dirigido e integrado, enquanto sentido (*logos*), empatia (*pathos*) e ação de alteridade e solidariedade (*ethos*). É o amor que crê não somente em Deus, mas crê também no humano. Crê no jovem e, assim, investe no seu bem pleno. Estimula-o no entusiasmo (*en + theos*) de buscar a vida em abundância e não aceitar nada que lhe fira a dignidade.

Em meio às vicissitudes contemporâneas, impactados pelas velhas e novas guerras planetárias e dramáticas sociais, seja a Igreja a propagar a ética da esperança que revela o amor. Amor que coloca cada jovem no centro do processo (FRANCISCO, 2019), que sabe esperar nas existências juvenis sem anulá-las ou abandoná-las. Amor unitivo que confirma a interdependência entre as jovens gerações e toda a humanidade, visto que “Quando cai um jovem de certo modo cai a humanidade. Mas também é verdade que, quan-

do um jovem se levanta, é como se o mundo inteiro se levantasse” (FRANCISCO, 2021a).

Diante de indicadores que nos alarmam, as perspectivas exigem o movimento eclesial de recuperação do direito e da dignidade juvenil em existir com investimentos: materiais, afetivos, relacionais, sustentáveis, espirituais. As juventudes são realidades epifânicas, nas quais a manifestação divina está presente. Ler os tempos é ler o que ocorre com os filhos deste tempo. O direito de existir, o direito à dignidade e mesmo em conhecer e optar pela fé cristã, é legítimo, porém, não se dará ao acaso. Exige planejamento pastoral diligente pautado no mirar atento e na dialógica que convida os jovens a assumirem seu papel na história da evangelização contemporânea. Se há o que afaste as juventudes da Igreja, há o que é capaz de alargar as portas dessa relação. A resposta neste tempo conflitivo passa pelo reencontro da ética do encontro, do cuidado e do amor ensinado e testemunhado por Cristo Jesus que não fecha os olhos às realidades.

Por fim, Jesus não pode, nem deve, estar ausente do anúncio cristão – por óbvio, não seria cristão; tampouco do testemunho – até porque seria incongruente. Diante dos jovens, a geração adulta necessita reencontrar sua função vital de esteio, orientação e impulsionamento. Frente às jovens gerações, o percurso é de (re)encontro com a identidade mais genuína do Evangelho do qual cada cristão é chamado a *ser* cooperador e cuidador desde o chão que pisa: social, eclesial, formativo e educativo.

Considerações que se tecem

Existir remete ao tornar-se, mostrar-se, revelar-se, “surgir para algo mais firme”, como traz sua etimologia latina, *existere*. Como uma Igreja samaritana, a escuta, o discernimento, a ação de acompanhar as jovens gerações oportunizam um sopro novo para a vida social e eclesial, mas também garantem e promovem o engaja-

mento juvenil participe da missão transmilênar da Igreja.

Contudo, é urgente o “primeirar” em favor da existência, da inclusão e cura da dignidade das juventudes, visto que os indicadores sociais atuais apresentam o quão carentes estão de cuidado e diligência. Não é demais sinalizar que muitas esferas sociais vêm se furtando de seu papel na edificação de um mundo mais pleno para os jovens. Há um abismo que os impacta e, como Igreja, há de se atentar para esse fator paradigmático, a fim de reconstruir os espaços e os tempos: a começar por aqueles geridos pela própria instituição eclesial e que existem para que os jovens tenham vida e vida em abundância.

Há vozes juvenis que clamam no deserto dos dias atuais. Que o olhar sensível que o próprio Cristo direciona a cada discípulo missionário volte-se em ações imediatas aos filhos deste tempo.

Para dialogar em comunidade

1. Como a Igreja (diocese, paróquia, comunidade) acolhe as juventudes de hoje.
2. Há espaço para as atuais juventudes na Vida Religiosa Consagrada.
3. Em que precisamos mudar para acolher e fazer caminho com os(as) jovens que buscam nosso modo de vida.

Referências

FRANCISCO, Papa. **Christus Vivit**: Exortação apostólica pós-sinodal do santo Padre Francisco aos jovens e a todo o povo de Deus. São Paulo: Paulus, 2019.

FRANCISCO, Papa. **Evangelii Gaudium**: Exortação apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO, Papa. **Mensagem de Sua Santidade o Papa Francisco para o 50º Dia Mundial das Comunicações Sociais**. Roma, 2016.

Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20160124_messaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso em: 5 jan. 2024.

FRANCISCO, Papa. **Mensagem do Papa Francisco para a 36ª Jornada Mundial da Juventude**. Roma, 2021a. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/youth/documents/papa-francesco_20210914_messaggio-giovani_2021.html. Acesso em: 29 dez. 2023.

FRANCISCO, Papa. **Mensagem do santo Padre Francisco para a 37ª Jornada Mundial da Juventude 2022-2023**. Roma, 2022. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/youth/documents/papa-francesco_20220815_messaggio-giovani_2022.html. Acesso em: 27 dez. 2023.

FRANCISCO, Papa. **Mensagem do santo Padre Francisco para a celebração do 54º dia mundial da paz**. Roma, 2021b. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20201208_messaggio-54giornatamondiale-pace2021.html. Acesso em: 29 dez. 2023.

RUFFINI, Paolo. **Rumo à presença plena**: uma reflexão pastoral sobre a participação nas redes sociais. Roma, 2023. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/dpc/documents/20230528_dpc-verso-piena-presenza_pt.html. Acesso em: 5 jan. 2024.

SECRETARIA GENERALIS SYNODI. Documento final da reunião pré-sinodal. In: ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, 15., 2018, Roma. **Anais [...]**. Roma, 2018. Disponível em: <http://secretariat.synod.va/content/synod2018/pt/apresentacao-della-reuniao/documento-final-da-reuniao-pre-sinodal.html>. Acesso em: 5 jan. 2024.

SODANO, Angelo. **Compêndio da Doutrina Social da Igreja**: a João Paulo II mestre de doutrina social testemunha evangélica de justiça e de paz. Roma, 2006. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html. Acesso em: 29 dez. 2023.

STEIN, Edith. Estructura de la persona humana. In: URKIZA, Julen; SANCHO, Francisco Javier (org.). **Obras completas**. Vitoria: Ediciones El Carmen, 2003. v. 4. p. 555-749.



**Quem nos
busca e o que
encontramos.
Alguns
dilemas da
pastoral
vocacional.**

Ir. Afonso Murad, marista

Irmão Marista. Licenciado em Pedagogia, Bacharel em Filosofia e Doutor em Teologia. Professor na FAJE (Belo Horizonte). Membro da Equipe de Assessoria Interdisciplinar da CRB Nacional. Endereço para contato: amurad@marista.edu.br

Introdução

Causa-nos tristeza quando constatamos que grande parte dos Institutos de Vida Consagrada têm poucas vocações na formação inicial. Congregações que antes apresentavam um número admirável ou mesmo satisfatório de postulantes e noviças/os, hoje amargam casas vazias e poucos vocacionados/as, que aparecem uma vez ou outra. A realidade da diminuição de vocações na Vida Religiosa comporta muitas causas entrelaçadas, nas quais se misturam, em diferentes graus, fatores culturais, sociais, eclesiais e do próprio instituto.

Vamos identificar aqui alguns fatores, conscientes de que é somente um recorte, visando ajudar as pessoas que atuam na pastoral vocacional, na formação inicial e constituem as equipes de Animação e Governo da Vida Religiosa (Provinciais, Gerais e seus conselhos). Queremos esclarecer que não se trata de um artigo científico. Trata-se mais de um breve ensaio, baseado em nossa experiência coletiva como consagradas/os. Algumas afirmações nele contidos visam, sobretudo, provocar a reflexão e apresentar sugestões.

Da crise do passado à perplexidade do presente

Até as décadas de 1960-70, grande parte dos Institutos religiosos buscava vocações através de um “recrutamento”. Pessoas dedicadas a “pescar” vocações iam às cidades pequenas do interior do Brasil, nas quais prevalecia a agricultura familiar e os pequenos comércios. Procuravam crianças, adolescentes e jovens piedosos, no meio de famílias católicas convictas, que tinham muitos filhos.

No sul do Brasil predominavam os descendentes de imigrantes europeus, sobretudo italianos e alemães. No norte e nordeste, a população branca e mestiça. Vocações negras e indígenas eram raras, pois institutos de origem europeia as consideravam inaptas para a Vida Consagrada. Meninos e meninas iam para Seminários Menores, Juvenatos e outras casas de formação que antecederiam o Noviciado. Ali frequentavam o Ensino Fundamental.

Com o tempo, viu-se que essa forma da captar vocações - e fazê-las entrar na instituição muito cedo - trazia mais problemas do que benefícios. Os resultados quantitativos e qualitativos eram pequenos. Por um breve período, surgiram vocações advindas de grupos de jovens e da pastoral de juventude, com certa identidade eclesial e senso de compromisso pastoral e social.

As mudanças culturais nos últimos anos foram muito rápidas e ainda continuam num impressionante processo de aceleração. Grande parte da população brasileira vive hoje em cidades grandes ou de porte médio. As famílias têm poucos filhos; o núcleo familiar apresenta diferentes formatos (Mãe *solo* com filhos, casais de segunda união etc); na mesma casa coabitam membros de diferentes igrejas e religiões; é fraco o senso de pertença religiosa. Nota-se uma precoce iniciação sexual dos adolescentes; proliferam casos ainda não revelados de abuso sexual de crianças e jovens. Especialmente devido à Covid-19 e às suas consequências aumentam a ocorrência de depressão e de outros distúrbios psíquicos na população. Esse quadro sintético e incompleto poderia ser completado por uma série de outros fatores significativos, como a incremento da cultura virtual, a crescente participação das mulheres no mercado de trabalho, a eclosão das identidades de gênero e de etnias, o envelhecimento rápido da população.

Tudo isso pode provocar em nós um sentimento de impotência e insegurança. Mas essa é a realidade da qual participamos, com suas belezas e limitações.

Alguns traços do perfil daqueles/as que buscam a VRC

Hoje, aquelas/es que nos procuram para eventualmente entrar na Vida Religiosa apresentam vários perfis. Apontaremos aqui alguns traços mais comuns e o que se exige de nós. Mas deve-se evitar uma generalização apressada. Nem todas as características

estão presentes na mesma pessoa, ou na intensidade que aqui delimitamos.

Entre os prováveis vocacionados/as predominam pessoas adultas e jovens com idade mais avançada. Isso exige conhecer as experiências vividas por elas e eles e trazer à tona os elementos positivos e negativos de suas vivências. Há belas e até heroicas experiências de vida. E outras, traumáticas. Se no passado as assim chamadas “vocações tardias” eram raridade, agora elas se tornam numerosas. Alguns institutos, sabiamente, delimitam a idade máxima para alguém entrar no noviciado. Ora, precisamos de gente de faixa etária com vigor e energia para levar à frente nossa missão.

Em vários lugares, há vocações vindas de realidades semiurbanas e suburbanas, de bairros populares, periferias e favelas. Elas não trazem consigo a experiência de contato com a terra e a natureza. Muitas delas passaram por situações graves de pobreza e carência. A adesão à VRC pode estar ligada à motivação inconsistente de ascensão social. De outro lado, se alguém assume suas origens sociais, pode “compreender por dentro” o mundo dos pobres pois é oriundo dele.

Algumas pessoas concluíram curso superior e já trabalharam em determinada profissão. Os promotores vocacionais devem levar em consideração tal fator, pois essas pessoas já exerceram tarefas da vida adulta, assumiram responsabilidades e não podem ser “niveladas por baixo”, como adolescentes inexperientes.

Parece que a maioria das vocações masculinas já teve experiências sexuais, as mais diversas. Muitos estão marcados por relações homoafetivas e de bissexualidade. A visita frequente a conteúdo pornográfico no mundo virtual faz com que a mente deles esteja povoada por imagens eróticas, mas sem compromisso afetivo com nenhuma pessoa. Em ambos os sexos aparecem cada vez mais histórias de vida de pessoas que sofreram estupro e violência sexual, e tomam consciência disso quando passam por processo de acompanhamento. Exige-se coragem e cuidado para tratar dessas questões com os que nos procuram ou já estão entre nós. Em várias situações,

o processo terapêutico com um(a) psicólogo(a) faz-se necessário. E esse deve ser conjugado com o acompanhamento espiritual.

Em maior ou menor grau, nossos vocacionados e vocacionadas compartilham o fato de que vivemos numa sociedade doente. Trazem muitas feridas. Por isso, o processo de iniciação à VRC tem uma dimensão sanante, de autoconhecimento, de cura e de integração pessoal. No entanto, há situações de doenças psíquicas graves (esquizofrenia e outras psicoses) que inviabilizam a continuidade do processo vocacional. A ingenuidade, a falta de conhecimento e um desejo extremo de segurar as vocações, por parte dos consagrados/as, fazem com que pessoas desequilibradas permaneçam um bom tempo no nosso meio.

Infelizmente, constatamos a existência de comunidades religiosas cujo ambiente humano é doentio. Em vez de propiciar um ambiente saudável de crescimento humano e espiritual, acontece o contrário. Conviver com pessoas amargas, invejosas, pessimistas, com sintomas de enfermidades psicossomáticas, acentua as dificuldades de jovens e adultos fragilizados, que necessitam de um “ninho humano” para crescer.

A pastoral vocacional e a formação inicial não podem se limitar às questões psicológicas e da subjetividade. A pessoa se faz religiosa para seguir Jesus, servir a Deus conforme um carisma, evangelizar o Povo de Deus como aprendiz e missionária, e aprender a conviver com suas coirmãs/irmãos. Então, há que observar, estimular e avaliar, já na etapa vocacional, o compromisso eclesial da pessoa, a vivência comunitária e o itinerário espiritual.

Os jovens/adultos que nos procuram trazem consigo experiências religiosas diferentes. Em alguns, predominam elementos do jeito pentecostal de ser católico. Em poucos, a mística da Pastoral de Juventude, das CEBs e da “Igreja dos pobres”. Em outros ainda, a religiosidade tradicional, mesclada com práticas neoconservadoras. Por fim, há aqueles que já foram membros de outras igrejas e até religiões não cristãs. Os acompanhadores/as devem tratar dessa temática no processo de crescimento dos vocacionados.

Os vocacionados/as e formandos/as estão inseridos no mundo virtual. Passam várias horas do dia no celular. Participam de redes sociais como consumidores e produtores de informação. Postam imagens e vídeos. Seguem influenciadores digitais. Participam de grupos no WhatsApp. Estão marcados pela “cultura da imagem”, onde existe e tem importância somente aquilo que aparece. Devemos também nós entrar nesse ambiente, de forma equilibrada, para compreender os jovens e nos comunicarmos dessa forma. Uma sugestão: faça parte das redes sociais onde estão os vocacionados e formandos. Acompanhe suas postagens de fotos, comentários e vídeos.

As novas gerações apresentam maior sensibilidade para a beleza, seja aquela dos corpos, seja a da natureza, da música, dos clips, da arte e do *design*. Há aí uma grande oportunidade para valorizar essas características, estabelecer pontes de contato, evangelizar e formar as consciências a partir desse horizonte cultural.

Os/as vocacionados/os que vêm dos movimentos pentecostais católicos, buscam experiência religiosa com forte impacto emocional. Acostumam-se a rezar com gestos. Valorizam a oração espontânea, a música e os gestos orantes. Podemos aprender com eles/as uma oração menos formal, onde o coração fala mais do que o intelecto. E devemos ensinar a rezar com a Palavra de Deus e ligar a espiritualidade com as questões sociais e ambientais.

Há uma minoria que busca na VRC a radicalidade do Evangelho. Essas pessoas gostam de ler, acompanham os escritos do Papa Francisco e se identificam com grupos progressistas na Igreja e na sociedade. Por isso também criticam, às vezes até de forma agressiva, as estruturas dos Institutos religiosos. Por vezes, elas não desenvolveram ainda a paciência para esperar as lentas mudanças. Devemos apoiar tais jovens e adultos e ajudá-los a amadurecer suas expectativas. Alimentar suas esperanças, estimular que transformem suas ideias em práticas libertadoras junto dos pobres, conforme nossos carismas.

Como fazer promoção vocacional nesse contexto?

Sem a pretensão de ter uma resposta exaustiva às demandas dos diferentes perfis apontados acima, ousamos fazer algumas indicações:

- *A prática constante de ouvir e conviver.* Esse é o ponto de partida fundamental para acolher e estimular o crescimento humano, espiritual e vocacional de jovens e adultos que nos buscam.
- *Um acompanhamento mensal ou bimestral,* presencial ou online (para os que moram distante). Hoje as novas gerações precisam de pessoas de referência e de espaços para compartilhar seus desejos, sonhos e medos. Tal processo de acompanhamento não pode ser ocasional, e sim periódico. Os jovens e adultos que nos procuram não estão prontos, nem tem todas as características que almejamos neles. Temos a missão de oferecer-lhes oportunidades de crescimento. Além disso, o acompanhamento nos ajuda a distinguir o que a pessoa diz que está buscando e quais são suas buscas reais.
- *Alguns encontros vocacionais periódicos.* A formação de núcleos vocacionais, presenciais ou virtuais, fortalece o desejo de quem busca a VRC. Ele/a se sente parte de um grupo com motivações e expectativas semelhantes. Tal experiência é imprescindível para consolidar um futuro projeto de vida.
- *Se o/a vocacionado/a passou por outro Instituto Religioso ou seminário diocesano,* é necessário um *contato com seus ex-formadores,* conversar sobre suas características pessoais e a razão pela qual não foi aceito/a. Não há que temer tal procedimento.
- *Apresentação do carisma congregacional,* suas características, sua beleza e exigências. Alguns vocacionados se identificarão com o carisma. Outros perceberão que aí não é seu lugar e buscarão outro instituto.

- *Impulso ao compromisso pastoral* dos vocacionados na sua comunidade eclesial. Receber jovens e adultos que não tem o zelo de evangelizar parece incoerente, pois somos consagrados para a missão. Já na animação vocacional é preciso incluir o compromisso pastoral como algo imprescindível.
- Iniciação à *prática da oração com a Bíblia*. A leitura orante da Palavra de Deus é mais importante do que a soma de muitas práticas devocionais.
- Constituição de ao menos *uma comunidade religiosa* cujo clima humano, espiritual e pastoral seja favorável à convivência com os jovens que nos procuram.

Conclusão aberta

É necessário que cada Instituto trace um perfil básico dos/as candidatos/as à VRC conforme seu carisma. E que esse perfil seja levado em conta nos processos de discernimento vocacional. Mesmo com a escassez de vocações, não podemos aceitar qualquer pessoa para fazer parte de nossa família religiosas. A falta de critérios para admitir um/a jovem ou adulto/a produz um enorme desgaste e a perda do sinal profético e sapiencial da Vida Religiosa.

Na música “Coração de Estudante”, de Milton Nascimento e Fernando Brant, se diz: “Há que que cuidar do broto, pra que a vida nos dê flor e fruto”. Tal é a bela e desafiadora tarefa daquelas/es que se dedicam à pastoral vocacional e à formação inicial. Espera-se que cultivemos um olhar lúcido e amoroso em relação às novas gerações que nos buscam. E inspirados nas palavras de Jesus com os primeiros discípulos, digamos com humildade: “venham e vejam” (Jo 1,39).

Para dialogar em comunidade

1. Quais das características dos vocacionados/as apresentadas aqui mais se aproximam da sua realidade?
2. Que qualidades você vê nos jovens e adultos que nos procuram, que ainda não são valorizadas suficientemente por nós?
3. Das sugestões apresentadas para a pastoral vocacional, quais vocês já realizam? O que é necessário implementar?



Na sinfonia vocacional, notas para o acompanhamento.

Ir. Maristela Ganassini

Religiosa da Congregação das Irmãs Filhas do Sagrado Coração de Jesus. Assessora do Setor Juventudes, Vocações e Partilha de Carismas da CRB Nacional. E-mail: sav.juventudes@crbnacional.org.br

Introdução

Muitas são as perguntas que nos vêm à mente quando pensamos em “perfil de quem acompanha”. Será que é possível definirmos um perfil? Como podemos afirmar que existem características que constituem a personalidade de quem conduz processos? Estamos preparados para acompanhar? Quem queremos acompanhar? Somos capazes de nos deixar acompanhar?

Este breve artigo quer nos levar à reflexão destas e de outras questões que pretendem favorecer no trabalho com os jovens, na nossa missão de sermos, de fato, acompanhadores, que tornam os jovens protagonistas da sua própria história.

Apontaremos algumas pistas que poderão auxiliar a sermos seres humanos melhores e qualificados para realizar nossa missão junto às juventudes.

O Projeto Pessoal de Vida

Você pode estar se perguntando: falar de Projeto Pessoal de Vida (PPV) faz parte do perfil de quem acompanha? Sim! Quem se dispõe a acompanhar precisa ter clareza de onde quer chegar, traçar suas metas, ter suas estratégias de como alcançá-las e a coragem de revisitar periodicamente.

Por isso, está em primeiro lugar na nossa descrição, pois essa é uma virtude de pessoas totalmente humanas, que também buscam incansavelmente o seu crescimento e fortalecimento.

Vale salientar que ter um PPV nem sempre nos dá garantia de acertos plenos. Muitas vezes teremos que nos retomar, dar novos direcionamentos e ter a coragem de recomeçar. Isso será facilitado, sem sombra de dúvidas quando tudo estiver registrado.

É importante revisitar o Documento Final do Sínodo dos Bispos para as Juventudes, quando a necessidade de ter um Projeto Pessoal de Vida é enfatizada para os jovens. Tal apelo pode ser,

sem dúvida, estendido a cada um e cada uma que acompanha as juventudes:

Como fase do desenvolvimento da personalidade, a juventude está marcada por sonhos que se vão formando, relações que adquirem consistência sempre maior e equilíbrio, tentativas e experiências, opções que constroem gradualmente um projeto de vida. Nesta época da vida, os jovens são chamados a lançar-se para diante, mas sem cortar com as raízes, a construir autonomia, mas não sozinhos. (DF, n. 65).

Alinhar o Projeto de Pessoal de Vida é como a orquestra que afina os instrumentos, antes de uma apresentação, para que possamos ter uma sinfonia que demonstre sua eficiência e eficácia. Portanto, todas as fases da vida precisam desse olhar atento e um PPV pautado, que não isenta ninguém, nenhuma faixa etária ou etapa formativa.

A escolha...

Se precisamos cautelosamente escrever o PPV, com mais atenção ainda precisa ser feita a escolha de quem será o animador/formador/acompanhador, para que de fato tenhamos uma sinfonia, onde afinamos nosso compasso em conjunto.

Como fazemos em nossas realidades essa escolha ou indicação? É animador vocacional/formador porque não tinha outra pessoa... ou ainda, é animado, toca violão, canta, é jovem, tem dinamismo. São características que podem ser levadas em consideração, porém, não podemos ficar apenas nessa superficialidade.

É importante ter critérios claros sobre quem exercerá essa missão. Entre eles a maturidade, formação adequada, desejo de constante de crescimento, bem como o acompanhamento constante dos responsáveis.

Os indicativos que seguem, podem ser uma iluminação para o alinhamento do perfil das pessoas que estarão à frente dessa missão. Vale registrar que são seres humanos e precisam também ser cuidados, acompanhados e fortalecidos em nossas comunidades.

A escuta atenta

Vejamos o que o Papa Francisco descreve como importante quando precisamos ajudar alguém na sua vida e caminhada. “Quando cabe ajudar o outro a discernir o caminho da sua vida, a primeira coisa a fazer é escutar.” (CV, n. 291) Se partirmos dessa premissa, essa poderá ser considerada a primeira característica para aqueles que estão dispostos a trilhar o caminho do amadurecimento pessoal que leva, na sequência, a contribuir com o outro.

Escutar é ouvir com atenção, interpretando e assimilando, estar consciente e atento ao que está ouvindo. Escutar é compreender e processar a informação que está sendo recebida.

Nas falas de Jesus, encontramos inúmeros exemplos de escuta atenta e profunda: “Aquele que tem ouvidos para ouvir, ouça.” (Mt 13, 9); “Felizes são aqueles que ouvem a Palavra de Deus,” (Lc 11, 28). Para Jesus, o escutar estabelece a verdadeira relação entre os seguidores e a Sua pessoa, pois “Aquele que ouve a minha Palavra e a põe em prática, será comparado a um homem prudente, que edificou a casa sobre a rocha” (Mt 7,24).

Maria pode ser outra fonte inspiradora para o aprofundamento desta qualidade. “Escutar a juventude leva a perceber o poder irradiador e a força de um “sim” ao chamado de Deus, como aquele pronunciado pela jovem Maria, mãe do Salvador. Leva à empatia, ao envolvimento, à solidariedade e fraternidade com os e as jovens de todos os povos.” (TBAV, 116).

Encontramos ainda a importância da escuta profunda, nos fundadores de nossas congregações, nos santos proclamados pelas igrejas, nos líderes de nossa atualidade que deixam legados da im-

portância da escuta. Escutar atentamente, sem pressa e até o final, eis um dos segredos desta virtude.

Por fim, relembramos o que diz Papa Francisco: “Pela escuta da juventude apreendemos algo da eterna jovialidade de Deus e nos abrimos àqueles que podem melhor ajudar a que nossas vidas e instituições não envelheçam, ao contrário, se renovem.” (CV, 13)

É somente com o coração que podemos ver corretamente...

Este segundo item, para compor nosso roteiro do perfil de quem acompanha, é inspirado no Pequeno Príncipe (SAINT-EXUPÉRY, 2020, p. 88), e traz consigo várias características. Abertura, amabilidade, integridade, criatividade, perseverança, a “convicção e amor pela própria vocação, pois o testemunho de vida é mais eficaz que as palavras” (FRANCISCO, 2017, p. 48).

Ao considerarmos a abertura como uma qualidade importante, vemos que, no dia a dia, a pessoa tende a levar em consideração as emoções ao tomar decisões e, ao agir pode atribuir grande importância aos sentimentos. Movida pela emoção, engaja-se em atividades, mesmo que não sejam do seu conhecimento, sem resistências diante de mudanças na rotina, podendo manter uma postura receptiva para realizar tarefas de maneira diferente do que é habitual.

Por sua vez a amabilidade, nos reporta ao que escreve o Papa Francisco na Fratelli Tutti, quando nos alerta sobre o cuidado com o individualismo e conclama dizendo: “ainda é possível optar pelo cultivo da amabilidade; há pessoas que o conseguem, tornando-se estrelas no meio da escuridão.” (FT, n. 222).

Ao abrir o coração e fazer a experiência, primeiro do amor a Deus, nos tornamos pessoas mais dóceis e com facilidade de amar os outros: A amabilidade é uma libertação da crueldade que às vezes penetra nas relações humanas, da ansiedade que não nos deixa pensar nos outros, da urgência distraída que ignora que os outros também têm direito de ser felizes. Hoje raramente se encontram tempo e energias disponíveis para se demorar a tratar bem os outros, para dizer “com licença”, “desculpe”, “obrigado”.”(FT, n. 224).

A amabilidade é um pré-requisito básico para uma relação amável e respeitosa com aquele que estará sob a nossa responsabilidade de cuidado e acompanhamento.

A integridade, por sua vez, ajuda no processo de honestidade consigo mesmo e com o outro, não só por falar a verdade, mas por viver sua vida de forma genuína e autêntica.

Outra característica importante é a perseverança, o esforçar-se para terminar o que foi começado. Independente do projeto, do trabalho, a pessoa perseverante vai até o fim, mesmo quando se sente cansado, desolado. Como nos diz o Papa Francisco

devemos perseverar no caminho dos sonhos. Os sonhos mais belos conquistam-se com esperança, paciência e determinação, renunciando às pressas. Ao mesmo tempo, é preciso não se deixar bloquear pela insegurança: não se deve ter medo de arriscar e cometer erros; devemos, sim, ter medo de viver paralisados, como mortos ainda em vida, sujeitos que não vivem porque não querem arriscar, não perseveram nos seus compromissos ou têm medo de errar. Ainda que erres, poderás sempre levantar a cabeça e voltar a começar, porque ninguém tem o direito de te roubar a esperança. (CV, n. 142).

O empenho na perseverança é necessário para qualquer pessoa que media e acompanha processos. Ela necessita “ter um grau razoável de maturidade, equilíbrio emocional, autoconhecimento, autoaceitação, autoestima positiva (...) emocionalmente estável, que vive um sentido existencial...” (DOMINGUEZ PRIETO, 2020, p. 21).

Capacidade de ‘fazer-se próximo’

Se conseguires apreciar com o coração a beleza deste anúncio e te deixares encontrar pelo Senhor; se te deixares amar e salvar por Ele; se entrares na sua intimidade e começares a conversar com Cristo vivo sobre as coisas concretas da tua vida, esta será a grande experiência, será a experiência fundamental que sustentará a tua vida cristã. (CV, n. 129).

A dica preciosa do Papa Francisco nos ajuda a perceber a importância de caminharmos lado a lado, estarmos juntos e próximos das juventudes. Para isso, precisamos dar atenção especial às suas realidades e abertura para conhecê-las, compreendê-las e trabalhar com eles.

Para vivenciar esta característica, faz-se necessário levar em consideração as emoções, especialmente ao tomar as decisões e na execução daquelas atividades que exigem maior foco e atenção. Como nos lembra o Papa Francisco, é preciso “amadurecer, crescer e organizar a própria vida sem perder aquela atração, aquela abertura ampla, aquele fascínio por uma realidade que cresce sem cessar. Em cada momento da vida, podemos renovar e fazer crescer a nossa juventude.” (CV, n. 16). É um processo constante de abertura, amadurecimento e fortalecimento de nossa humanidade.

Preparar para o acompanhamento dos jovens.

Com este reconhecimento e essa preocupação do Papa no Sínodo, pode-se sinalizar outra característica extremamente importante: a capacidade de acompanhar. Para isso, faz-se necessário estar disposto a conhecer a realidade juvenil, para assim acompanhá-la: “Acompanhar de modo especial os jovens que se apresentam como potenciais líderes, para poderem formar-se e preparar-se.” (CV, n. 245).

O verdadeiro acompanhamento consiste em dedicar tempo, respeitar o tempo da outra pessoa, fazer o processo lado a lado, estar ou ficar junto, constantemente conviver ou compartilhar situações e experiências. É assumir o compromisso de fazer caminho ao lado do acompanhado, respeitá-lo, conhecer sua história, sua família, seus desejos, o contexto em que vive. Requer dedicação, empenho, comprometimento e muita oração.

Acompanhamento eficiente e eficaz

Para que o acompanhamento seja eficiente e eficaz são necessárias a escuta, a paciência, a firmeza, o respeito à individualidade e à história de vida, o cultivo espiritual, a prontidão e a abertura a graça divina. O papel de quem acompanha não é gerar dependência e estagnação, mas ser companheiro de caminhada, ajudando sempre mais a pessoa a firmar-se e andar com os próprios pés.

Para ser um autêntico acompanhador, faz-se necessária uma profunda experiência de Deus e o cultivo diário da espiritualidade, ouvindo atentamente os apelos que Deus lhe faz. É indispensável ter como base o Evangelho assim como escreve São João: “não procuro fazer a minha vontade, e sim a vontade daquele que me enviou”. (Jo 5, 30b). Outra condição fundamental do acompanhador é que ele realmente ame a pessoa do orientado.

Podemos avançar um pouco mais e contemplar outras possibilidades para aperfeiçoar nossa maneira de conduzir a caminhada de olhar cuidadosamente aqueles que estão sob a nossa responsabilidade de acompanhamento. Conforme o Papa Francisco, há outras qualidades nas quais se necessita apostar:

As qualidades do acompanhador incluem: ser um autêntico cristão comprometido com a Igreja e com o mundo; que busque constantemente a santidade; que compreenda sem julgar; que escute ativamente as necessidades dos jovens e responda com gentileza; que seja bondoso e consciente de si mesmo; que reconheça seus limites e que conheça a alegria e o sofrimento que todo caminho espiritual implica. Uma característica especialmente importante em um acompanhador é o reconhecimento da própria humanidade. Que são seres humanos que cometem erros: pessoas imperfeitas, que se reconhecem como pecadores perdoados”. Os acompanhadores não deveriam levar os jovens a ser seguidores passivos, mas sim a andar ao seu lado, deixando-os ser protagonistas do próprio caminho. Devem respeitar a liberdade que o jovem tem em seu processo de discernimento e oferecer-lhe ferramentas para fazerem o melhor. [...] todos esses acompanhadores deveriam beneficiar-se de uma boa formação permanente. (CV, n. 246).

Aqueles que acompanham necessitam vivenciar uma profunda espiritualidade, buscar formação adequada para auxiliar a pessoa que pretende acompanhar no processo personalizado de forma coerente e ética.

No Documento de Aparecida ressalta-se “que a pessoa seja acompanhada e formada de acordo com a peculiar vocação e ministério para o qual tenha sido chamada”. Para realizar esse acompanhamento o documento aponta que sejam capacitados “aqueles que possam acompanhar espiritual e pastoralmente a outros”. (DAp, n. 282).

Capacidade de dizer não.

Essa talvez seja a característica mais exigente. Desenvolver a capacidade de dizer “não”, é uma das melhores formas de autocuidado, pois com ela criamos espaços na agenda, envolvemo-nos em atividades que realmente se alinham aos nossos objetivos, estabelecemos limites, tornamo-nos mais autônomos.

Ter clareza de nossa missão é fundamental para estabelecer diálogos sem rodeios ou duvidosos, especialmente nos momentos em que são necessários encaminhamentos mais profundos e exigentes.

Pessoas que dizem “sim” para tudo, não crescem, não amadurecem e não se fortalecem para os desafios da vida. Uma vez que são estabelecidos limites, ganha-se respeito e credibilidade, pois é demonstração de que também sabemos respeitar os limites das outras pessoas.

Em síntese.

Aquele que deseja acompanhar precisa desenvolver inúmeras qualidades e buscar sempre aprimorar-se para melhor realizar sua tarefa de maneira saudável, madura e que gere confiança.

Ousamos, de forma sucinta, elencar mais algumas características:

- **Autoconhecimento:** Aquele que não trilha um caminho de conhecer-se profundamente, acompanhado do autocuidado, terá dificuldades em auxiliar outros. Vale fazer memória do filósofo Sócrates, com uma das suas mais conhecidas frases: “Conhece-te a ti mesmo”.
- **Espiritualidade:** coerência acerca dos propósitos e significativa experiência de Deus capaz de influenciar positivamente nas ações e sendo uma fonte de conforto pessoal e comunitária.

- **Perdão:** Consegue perdoar e estabelecer gestos de perdão, dando oportunidades, agindo com misericórdia.
- **Esperança:** Espera sempre o melhor do futuro e esforça-se para alcançá-lo. Acredita que sempre é possível um mundo melhor.
- **Trabalho em equipe:** Capaz de compartilhar atividades com outros, tornando-se membro leal e dedicado, fazendo sempre a sua parte para melhorar o todo.
- **Liderança:** Desenvolve a capacidade de liderar, encorajando as pessoas para realizar suas tarefas, mantendo harmonia e fazendo com que todas se sintam incluídos.
- **Prudência e discernimento:** Pensa muito bem antes de tomar qualquer decisão. Tem cuidado nas escolhas e naquilo que vai dizer.
- **Amor ao aprendizado:** Ímpeto de buscar coisas novas, quem com auxílio externo ou mesmo nas suas buscas pessoais, considerando que em qualquer situação existe uma oportunidade para aprender.
- **Humildade:** Não se coloca no centro, procurando através do seu testemunho ajudar aqueles que estão ao seu redor.
- **Gratidão:** Tem consciência e um coração agradecido pelas pequenas e simples situações que o cercam, procurando sempre ter tempo para agradecer a Deus e as pessoas.
- **Generosidade:** Carrega em si gestos de bondade e alarga seu coração de forma generosa a prestar um serviço ou apoio a quem precisar.
- **Humor:** Cultivar o senso de humor, faz com que olhe para as coisas positivas que estão ao seu redor. Façamos como o Papa Francisco, rezemos diariamente a oração do bom.
- **Leveza:** Conduz com clareza e acima de tudo leveza, especialmente diante das situações mais complexas.

Para concluir

Iniciamos com algumas perguntas. Vale agora refazeremos o caminho e incluímos outras questões: Quais características preciso desenvolver? Aqueles que te conhecem, como definiriam teu perfil? Quem você acompanha como te vê? A partir disso, vale revisitar seu Projeto de Vida e assumir novos compromissos que te levem ao engajamento para ser ainda melhor na arte de estar com as juventudes, ser presença e testemunho, pelo teu jeito simples e próximo.

Finalizamos, convidando à reflexão a partir da inspiradora frase do Chapeleiro Maluco para Alice no país das maravilhas: “O segredo, querida Alice, é rodear-se de pessoas que te façam sorrir o coração. E, então, só então estarás no país das maravilhas”. (ALICE..., 2010). Rodeando-nos de tantas qualidades que poderão nos ajudar a crescer a amadurecer poderemos fazer sorrir o coração daqueles que serão acompanhados.

Para dialogar em comunidade

1. Quais as principais características dos jovens com os quais convivemos? Quais delas mais nos desafiam?
2. Assim como as mudanças que acontecem externamente, muitas são as mudanças internas, nossas transformações e amadurecimentos. É possível dizer que alguém está preparado para um processo de acompanhamento?
3. Talvez a parte mais difícil do acompanhamento ocorre na medida em que precisamos lidar com as perdas e as frustrações. Como encaramos e trabalhamos essas questões?

Referências

ALICE no País das Maravilhas. Tim Burton. Walt Disney Productions, , 2010.

CELAM. **Documento de Aparecida**. Texto Conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe. Brasília: CNBB, 2007.

CNBB. **Vocação: Graça e Missão** - Texto Base. Brasília: CNBB, 2022.

DOMINGUEZ PIETRO, Xosé Manuel. **A arte de acompanhar**. São Paulo: Paulinas, 2020.

FRANCISCO, Papa. **Christus Vivit**. Exortação Apostólica Pós-Sinodal aos jovens e a todo o povo de Deus. São Paulo: Paulinas, 2019.

FRANCISCO, Papa. **Documento Final. Carta aos jovens. Assembleia Geral Ordinária**. Os jovens, a fé e o discernimento vocacional. São Paulo, Paulus, 2017.

FRANCISCO, Papa. **Documento Preparatório XV Assembleia Geral Ordinária**. Os jovens, a fé e o discernimento vocacional. São Paulo, Paulinas, 2019.

FRANCISCO, Papa. **Fratelli Tutti**. Carta Encíclica sobre a fraternidade e Amizade Social. São Paulo: Paulinas, 2020.

SAINT-EXUPERY, Antoine. **O Pequeno príncipe**. São Paulo: Faro, 2020.